

FEBRA PSI

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

[66]

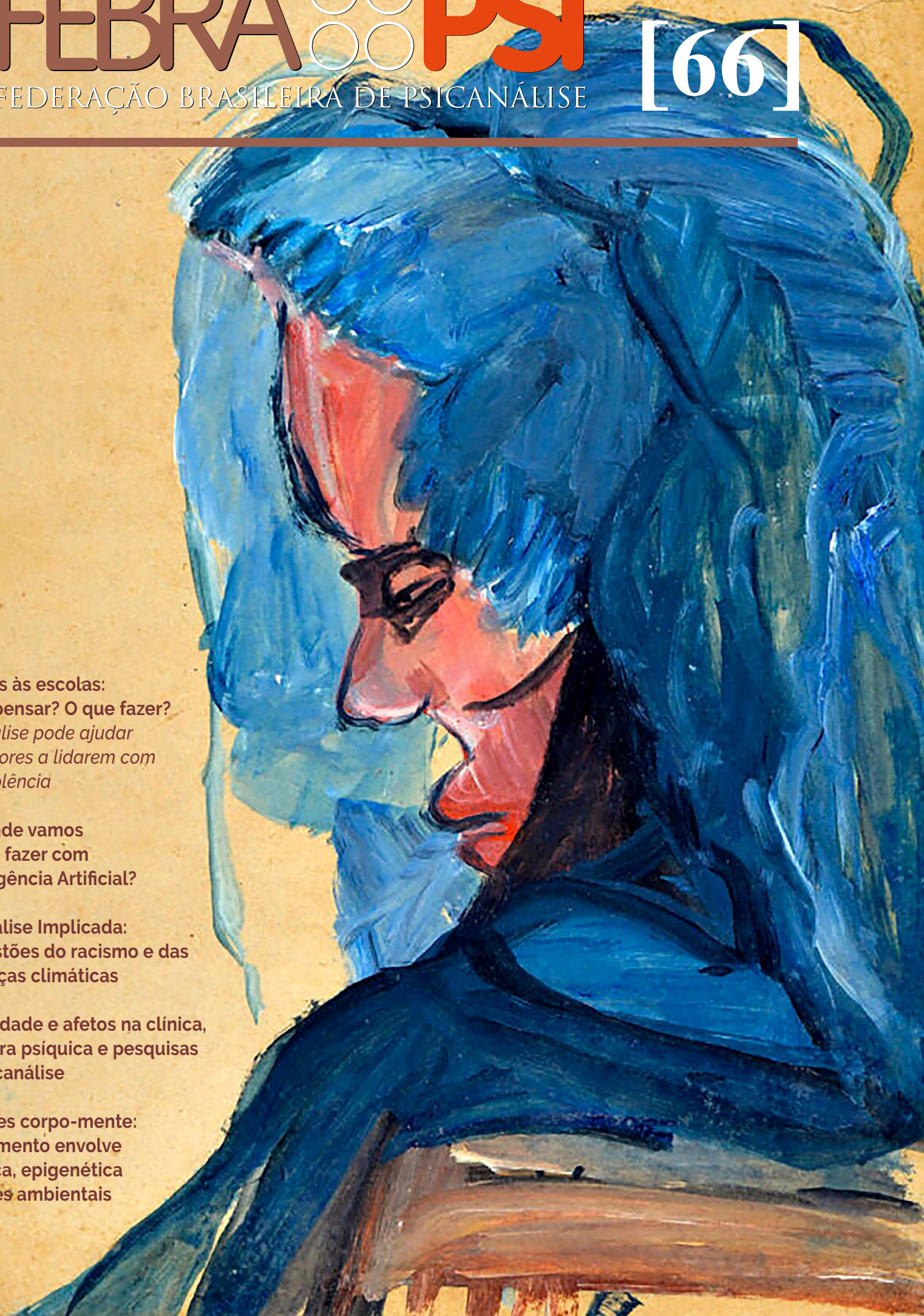
**Ataques às escolas:
O que pensar? O que fazer?**
*Psicanálise pode ajudar
educadores a lidarem com
essa violência*

**Para onde vamos
e o que fazer com
a Inteligência Artificial?**

**Psicanálise Implicada:
as questões do racismo e das
mudanças climáticas**

**Sexualidade e afetos na clínica,
estrutura psíquica e pesquisas
em Psicanálise**

- **Relações corpo-mente:
adoecimento envolve
genética, epigenética
e fatores ambientais**





Caros leitores, aproximamo-nos do 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise da FEBRAPS, entre os dias 1-4 de novembro, na cidade de Campinas. Ainda sob a sombra da pandemia, impactados pela impossibilidade de realizar presencialmente o 28º Congresso, tivemos os primeiros eventos preparatórios, ainda no modelo *on-line*. As dúvidas sobre os desdobramentos nos atormentavam; dos repiques da epidemia aos novos hábitos gerados por ela e, também, os medos e resistências a se retomar atividades que até então eram corriqueiras nos assolavam.

Entretanto, a primeira atividade presencial, organizada com as federadas gaúchas (SPPA, SBPdePA e SPPEL), nos convenceu que deveríamos incentivar à realização de eventos presenciais. As aproximações tímidas, os cumprimentos inibidos não tiraram o encanto dos olhares, da sinfonia dos risos e do compartilhar de experiências.

O Conselho Científico, capitaneados pelo Diretor Zelig Libermann e a Secretária Ana Clara Gavião incentivaram às atividades presenciais, algumas se sucederam e em 2023 todos foram/serão presenciais; reforçando a confiança que teremos um grande congresso.

Nossos congressos são construção artesanais; pensados, projetados, construídos, realizados e vividos pelos seus membros e demais participantes. No mínimo, um terço dos congressistas estarão implicados em alguma atividade. Sem negar a importância dos alimentos industrializados, seguimos acreditando que eles não têm as mesmas implicações que a tradicional ama/ment/ação. Na mesma linha, Psicanálise é comida feita em casa, pelos próprios comensais, ela não é *fast food*. Psicanálise não é genérica. Psicanálise é caminhar ao ar livre, inclusive em dia de vento e chuva.

Nosso diretor do Departamento de Publicações e Divulgação, Luiz Celso Toledo, sugeriu que escrevêssemos/gravássemos sobre lembranças marcantes em Congressos presenciais. De pronto, ocorreu-me uma palestra de Otto Kenberg, em um dos meus primeiros congressos, até hoje a maneira com a qual abordo comportamentos suicidas de pacientes está presente o seu exemplo clínico; mas, ato contínuo, me veio outra associação, mais íntima e afetivamente significativa.

Há quatro anos, em evento em Uberaba, divulgávamos o 27º Congresso que ocorreria em Belo Horizonte, assistia, na verdade mais escutava, a fala de uma moça de prosa elegante. Minha atenção era flutuante, conectava-me e desligava-me da sua narrativa; eis que, num dado instante, me conecto com a hi(e)stória – eu não sabia se era um conto ou uma situação clínica – o relato era sobre a menina que chega aos prantos, abraça sua mãe, que pergunta o porquê do choro, e, aos soluços, responde: o menino, o menino, o menino da porteira morreu!

Subitamente, lembrei-me da minha mãe cantando “O Menino da Porteira”. Contudo, de uma forma que até então nunca sentira. Sempre soube que uma perda ficava inominada na sua vida e que isso se transformava em dores. Mas, quando escuto a menina que chorava pela morte do menino da porteira, pela primeira vez, percebi que, paradoxalmente, cantar “O Menino da Porteira” era a sua forma de explicar ao mundo o silêncio do seu berrante, ou “chorador”, para usar uma expressão dela. Emocionado, aproveitando o clima intimista, mesmo que com 200 pessoas, dividi o *insight* com a plateia. Da colega que apresentou a vinheta, passando pelo amigo/colega Sergio Kehdy, até chegar à jovem universitária, que não parava de chorar, senti-me acompanhado por todos na minha emoção.

Aguardaremos a todos em Campinas; certamente, teremos muito a comemorar, relembrar, aprender, desenvolver, elaborar. E, no retorno, boas memórias, *insights*, vivências que seguirão nos ama/ment/ando.



Hemerson Ari Mendes

Presidente da Febraps,
psiquiatra e membro titular
da Sociedade de Psicanálise
de Pelotas (SPPel)



Caros colegas,

Para onde se dirigem os nossos olhares atualmente?

À medida que o Congresso de Campinas se aproxima e os encontros vão se sucedendo em cada Federada, evidencia-se uma tendência que está retratada nos textos desta edição. Como psicanalistas, seguimos conversando e pensando sobre a clínica, nosso campo de trabalho cotidiano.

Os textos de Géo Marques, Hemerson Ari Mendes e Ana Claudia Gavião, aqui publicados, são exemplos eloquentes da potência do pensamento de Freud e do quão fértil ele segue sendo para a psicanálise.

Foucault considerava que o autor sempre escreve a partir de um tempo, um espaço geográfico e histórico que lhe confere determinadas condições de existência. Os clássicos, como não poderia deixar de ser, são produzidos a partir de possibilidades e restrições de sua época. Entretanto, eles também as ultrapassam. É o que observamos quando constatamos que o texto freudiano - O Eu e o Isso, por exemplo - segue inspirando analistas 100 anos após sua publicação.

Por outro lado, e não menos relevante, também se percebe um interesse crescente dos colegas por temas que dizem respeito à psicanálise implicada. Afinal, de que forma podemos contribuir com debates contemporâneos que nos parecem urgentes? Como a especificidade do nosso olhar pode ajudar a observar e participar de questões que nos preocupam e inquietam?

Esse olhar dos colegas para o que se passa na cultura e nas instituições nos permitiu reunir textos sobre temáticas fundamentais para o Brasil e o mundo atual, como: violência nas escolas (Roosevelt Cassorla), inteligência artificial (Cintia Albuquerque), racismo (Sankofa) e mudanças climáticas (Malu Gastal). Pessoalmente, considero que temos muito a conversar sobre esses e outros assuntos e que podemos contribuir significativamente. Outro texto importante, de Eliana Nazareth, nos fala sobre o sofrimento no corpo, a partir da psicossomática e da neurociência.

O colega Rogério Lerner nos atualiza a respeito do que vem sendo feito no campo das pesquisas científicas com a participação e o apoio da IPA. Existem formas diferentes de se fazer pesquisa em psicanálise? Quais seriam elas e o que elas oferecem como possibilidades?



Luiz Celso Toledo

(SBPRP)

Diretor de Publicações e
Divulgação da Febraps.

Finalmente, temos também um texto dos colegas do Conselho Profissional tratando de uma questão que nos afeta diretamente: a tentativa reiterada de regulamentação da psicanálise em nosso país. Em um evento recente, promovido em parceria pela SBPRJ e a Febraps, tivemos a oportunidade de ouvir colegas que lidam com essa questão há vários anos e nos alertam a respeito das várias (e vastas) implicações desse debate.

Como se vê, os olhares dos psicanalistas dirigem-se para temáticas múltiplas e variadas. Vale à pena ouvir o que os colegas têm a dizer a respeito das paisagens que tem percorrido ultimamente. Sintam-se convidadas (os).

Boa leitura.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES E DIVULGAÇÃO DA FEBRAPS

DIRETOR: Luiz Celso Toledo (SBPRP)

EDITOR EXECUTIVO DO FEBRAPS NOTÍCIAS: Luiz Celso Toledo (SBPRP)

EDITORA DO FEBRAPS NOTÍCIAS: Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBSb)

COMISSÃO EDITORIAL: Cintia Buschinelli (SBPSP), Helena Daltro Pontual (SBPSP e SPBSb) e Luiz Celso Toledo (SBPRP)

JORNALISTA RESPONSÁVEL:

Helena Daltro Pontual (RP 866/1982)

DIAGRAMAÇÃO: Licurgo S. Botelho

CAPA: Adelina Gomes – Óleo e guache sobre papel, 1968 – Museu do Inconsciente.

CONCEPÇÃO: Cintia Buschinelli (SBPSP)

FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (FEBRAPS)

Av. N. Sra. de Copacabana, 540, sala 704 – RJ – CEP: 22020-001

Tel: (21) 97168-0280 | e-mail: contato@febraps.org

www.febraps.org

Edição distribuída em formato digital

O Eu, a sexualidade e os afetos na clínica*

Hemerson Ari Mendes

Psicanalista e psiquiatra, presidente da Febrapsi

"Autotomia

*Em perigo, a holotúria se divide em duas:
com uma metade se entrega à voracidade do mundo,
com a outra foge.*

*Desintegra-se violentamente em ruína e salvação,
em multa e prêmio, no que foi e no que será.*

*No meio do corpo da holotúria se abre um abismo
com duas margens subitamente estranhas.*

*Em uma margem a morte, na outra a vida.
Aqui o desespero, lá o alento.*

*Se existe uma balança, os pratos não oscilam.
Se existe justiça, é esta.*

*Morrer só o necessário, sem exceder a medida.
Regenerar quanto for preciso da parte que restou.*

*Também nós, é verdade, sabemos nos dividir.
Mas somente em corpo e sussurro interrompido.
Em corpo e poesia.*

*De um lado a garganta, do outro o riso,
leve, logo sufocado.*

*Aqui o coração pesado, lá non omnis moriar (o não morrer demais),
três palavrinhas apenas como três penas em voo.*

*O abismo não nos divide.
O abismo nos circunda."*

Wisława Szymborska

Eu poderia ficar por aqui... e convidá-los a um jogo do rabisco, para ver de que maneira o grupo olha/pensa o Eu, a sexualidade e os afetos emergentes na clínica. Mas, pretensioso, vou tentar problematizar um pouco, literalmente, no sentido de trazer mais problemas do que respostas. Primeiro, utilizarei parte das nossas instituições, que não ficam imunes a estas questões, como cenário na qual são dramatizadas as batalhas entre os Eus (aqui um parêntese, gosto do plural em castelhano, nosotros, que bem poderia substituir o singular, somos um precipitados de eus circundados por abismos); suas sexualidades e os afetos emergentes, que, se tudo correr bem, podem aparecer parcialmente **nas nossas instituições, nos tempos distintos, na clínica individual e/ou ao longo da nossa evolução**, comecemos pelo aparentemente mais complexo em direção ao mais primitivo:

1) Instituições: o circular palco no qual atuam os memes e os genes

Poderíamos dizer que a criatura/cultura busca permanentemente controlar seu criador, causa do mal-estar, infelicidade, desconforto, insatisfações descontentamentos entre outros termos pensados por Freud, e seus tradutores, para descrever impacto da civilização no homem.

Por outro lado, sem as leis civilizatórias, não nos diferenciariamos dos bonobos – aquele primata que disputa com o homem em criatividade e diversidade em relação às práticas sexuais (Green). Ou seja, o homem inventa a civilização e ela cria o homem. Richard Dawkins, em "O gene egoísta", descreve os mecanismos que compartilhamos com os demais seres vivos, todos são máquinas replicadoras de genes, submetidos às mesmas leis que mantêm vivos os pessegueiros, os gonococos, os bonobos e os demais primos.

Quando comparados com os demais seres vivos, tudo que nos diferencia pode ser traduzido por uma única palavra: cultura, filha da revolta contra o determinismo dos nossos criadores/replicadores.

Dawkins descreve outro replicador tão poderoso quanto os genes, denominado "meme". Ele seria uma unidade de transmissão cultural ou imitação que, assim como os genes, é conservadora, a evolução não é automática e obrigatória. "Mimeme" era a raiz grega adequada, que foi adaptada para assemelhar-se com gene. O processo é semelhante ao que chamamos de identificação.

No homem, os genes são transmitidos por óvulos e espermatozoides; já memes – tais como melodias, ideias, receitas culinárias, a

importância da fidelidade ao clube do coração e conceitos psicanalíticos – se dão entre mentes.

Herdamos uma série de predisposições biológicas que em determinados períodos foram muito úteis para sobrevivência da espécie, mas que hoje nos trazem problemas; igualmente, alguns conceitos, ideias, princípios – memes – são retransmitidos porque foram úteis no passado ou, simplesmente, apaziguavam angústias, apesar de anacrônicos/disfuncionais para a atualidade.

Portanto, assim como a civilização gera mal-estar no indivíduo, inibindo demandas instintuais; também, algumas pessoas

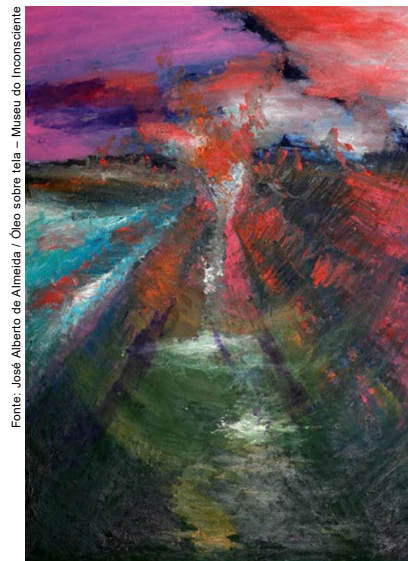
estão permanentemente criando problemas para o *establishment* cultural. No caso, não estou me referindo a crianças que esperneiam contra a lei do incesto; tampouco, adolescentes que seguem enxergando o pai primevo em todos que impõem algumas restrições aos desejos. Refiro-me aos questionamentos da validade de conceitos que se autorreplicam como dogmas salvadores, conceitos-rivotris que se validam pela adesão da maioria, à custa do sacrifício de alguns. Freud, em *O mal-estar na Civilização*, escreve: "É sempre possível unir um considerável número de pessoas no amor, enquanto sobram outras pessoas para receberem as manifestações de sua agressividade".

(...) a civilização se comporta diante da sexualidade da mesma forma que um povo, ou uma de suas camadas sociais, procede diante de outros que estão submetidos à sua exploração. (...) A exigência, demonstrada nessas proibições, de que haja um tipo único de vida sexual para todos, não leva em consideração as dessemelhanças, inatas ou adquiridas, na constituição sexual dos seres humanos; cerceia, em bom número deles, o gozo sexual, tornando-se assim fonte de grave injustiça (...).

Genes e memes, funcionam de maneira semelhante; egoístas, lutam pela manutenção da própria sobrevivência, muitas vezes transformam o sujeito em simples invólucro protetor. Uma característica cultural poderá evoluir/manter-se porque é vantajosa para ela própria, sustentada e sustentando o futuro de ilusões. Existe uma íntima relação entre esses fenômenos e o conceito de compulsão à repetição.

A Psicanálise, como meme de grande penetração, precisa replicar-se, transformar-se sem se descaracterizar. Vejamos a evolução das abordagens sobre a sexualidade em nossa província. Em 1996, a Revista Brasileira de Psicanálise traz uma publicação com o tema "Sexualidade e Prática Analítica"; dezoito anos depois, em 2014, outra publicação, agora abordando "Sexualidade e Gênero". Os temas dialogam; o tempo entre uma e outra é pequeno, mas, a meu ver, existe uma clara diferença nos enfoques.

De maneira geral, correndo o risco de não ser justo com algumas abordagens, na primeira temos: normalidade/anormalidade, perversões, trauma, etiologias, polimorfismo infantil e escolha homossexual de objeto como termos/expressões predominantes que apontam a direção do olhar psicanalítico na época.



Fonte: José Alberto de Almeida / Óleo sobre tela – Museu do Inconsciente

Na segunda, Bernardo Tanis, no editorial, resume a direção da nova mirada: questões de gênero, homoparentalidade, novas formas de prazer e de gozo, críticas à dimensão falocêntrica de certos aspectos da teoria psicanalítica, relação entre neosssexualidade e acesso ao simbólico.

Simplificando – com todos os riscos do ato –, no permanente embate entre as demandas individuais e a cultura, na primeira a psicanálise parece mais identificada com o polo da civilização, preocupa-se com a normatização, sustenta certa moralização defensiva, com vistas a preservar importantes (pre)conceitos fundantes.

Na segunda, abre-se espaço para escutar, entender, integrar as demandas dos filhos que sofrem as consequências da replicação da não aceitação e não reconhecimento das dessemelhanças com a maioria. Para esses, de forma reducionista, não era suficiente o redirecionamento não incestuoso do objeto de prazer, impunha-se um moralizante cerceamento.

Proponho algumas questões para pensarmos: Poderíamos entender que os diferentes enfoques indicam uma predominante mudança no olhar psicanalítico sobre o tema? Seria possível uma genuína mudança em tão pouco tempo? Se sim, ela é resultado de uma introspecção crítica ou de uma adaptação ao politicamente correto? Qual o impacto na dinâmica do funcionamento das Sociedades Psicanalíticas com a presença de colegas que não escondem mais as suas verdadeiras orientações sexuais? Com que naturalidade abordamos esta questão nos relacionamentos sociais dentro das instituições? De que forma ela contribui para novas compreensões e teorizações? Qual o impacto da explicitude destas presenças na liberdade de posicionamentos – ou só se mudou o sujeito que está dentro do armário – de quem se sente desconfortável com essa situação?

A Psicanálise, como uma lente bifocal, possibilita olharmos os genes e os memes, o indivíduo e a sociedade, e todas as suas inter-relações. O mal-estar na civilização é inevitável, mas não devemos deixar que seus memes se repliquem, ou até se transformem, sem pensadores.

2) Múltiplas versões ou distintos cortes das holotúrias

Há poucas semanas, a pedido, falei a jovens universitários sobre a prevalente onda de adolescentes automutiladores que chegam à clínica na atualidade. De fato, ao menos nesta intensidade, parece uma maneira atual de expressão da angústia. Mas, em um breve recorrido, citei algumas ondas das quais me ocupei ao longo dos quase 40 anos que trabalho. A primeira, a intensa preocupação com as adolescentes que engravidavam “precocemente”; a segunda, os transtornos alimentares; a terceira, as meninas que começaram a beber/drogar-se dentro de um modelo, até então, masculino; neste meio caminho, poderia citar as meninas que começaram “namorar/beijar-se” nos corredores dos colégios.

Assim como as mutilações, as problemáticas citadas se apresentavam como questões predominantemente femininas. Não precisamos nos esforçar para associar com as “histéricas” de Freud. Mas, se quiserem ir um pouco mais longe, podemos pensar em Santa Maria Magdalena de

Pazzi, nascida em Florença em 1566. Ingressa no convento, e dizendo-se orientada por Deus, passa a restringir sua dieta a pão e água. Quando come escondida grandes quantidades, passa a provocar vômitos. Para punir-se e prevenir-se das tentações diabólicas, açoita-se, dorme pouco, sempre nua sobre troncos de madeira no chão, e banha-se com água gelada em pleno inverno.

Caterina, em homenagem a Santa de Siena, foi o nome escolhido pela família. Mas o nome eclesiástico Maria Madalena, prostituta convertida na história cristã, foi o nome escolhido por ela.

No colégio, somos acostumados a pensar no modelo um gene/um fenótipo. O gene determina se teremos olhos claros ou escuros. Isso é uma exceção, na verdade, os genes são acionados ou inibidos por vários fatores; manifestações diferentes, muitas vezes, não são verdadeiras mutações, mas, sim, manifestações/roupas diferentes de uma mesma origem/coleção.

Sim, imagino que não estou surpreendendo ninguém ao trazer a sexualidade e seus potenciais para mal-estares. Mudanças? Sim! Não! Talvez!

Aqui, uma observação, o acento no feminino é uma identificação com o patriarca. Verdade que, hoje, atendo mais meninos adolescentes assustadíssimos com algumas liberdades na vivência da sexualidade das meninas do que meninas sintomáticas. Aliás, meninos com sintomas muito semelhantes aos sintomas histriônicos.

3) As diversidades

Para não nos perdermos da clínica, permitam-me compartilhar algo que há muitos anos aprendi com um adolescente:

Facundo, 17 anos, um menino fronteiro, aliás, com diversas fronteiras, morava literalmente ao lado do Rio que separava o Uruguai do velho pai e o Brasil da jovem mãe, em meio a todas as conflitivas da adolescência, fez duas colocações que valem compêndios, convido-os a pensar. A primeira:

a) “A questão não é se sou homossexual ou não, estou tranquilo em relação a isso. A questão é: se eu fosse homossexual! Eu, emocionalmente, teria condições de bancar isso?”

Facundo denuncia a preguiça, a pobreza, os temores existentes na pergunta se homossexualidade é normal (questão anacrônica, mas atual, presente). Ele quer saber qual é a verdade sobre a sua sexualidade. É uma questão muito mais profunda e fecunda, implica em outro tipo de coragem.

A capacidade de colocar em cena no palco de sua mente e, quiçá, entre os seus, indica/sugere a intenção de bancar a sua orientação sexual, sinaliza a condição/predisposição/intenção de apropriar-se dela, independente dos conflitos que possa se criar entre ele e a sociedade (família, cultura, religião, política, leis e demais porteiros).

b) “Estão preocupados se sou capaz de manter uma relação com a Graciela. Eles não conseguem pensar que não é isso o mais importante; fundamental não é ter um pau capaz de entrar em um buraco, isso eu faço. A minha questão é se sou eu que estou ali; é o que eu estou sentindo; é se eu estou enxergando a ela ou me masturbando com um corpo”.

Se na primeira colocação ele prioriza o que se faz com o que se é, no lugar do ser ou não

ser; na segunda, ele vai além: não basta ter um pênis, não basta ter ereção, não basta estar com alguém do sexo oposto, não basta conseguir manter um ato sexual. Ele quer saber se é ele que está ali, ou se está cumprindo o mandado de alguém; ele quer saber se o gozo é de uma relação com alguém ou de uma masturbação com um corpo. Isso me faz lembrar o chiste sobre o sujeito que, com treinamento cognitivo e comportamental, ao terminar a relação sexual, olha para a companheira e pergunta: e aí, foi bom para mim? A proposta de Facundo é mais integrativa, é isso que lhe interessa.

A sexualidade sinalizada por Facundo é a de que ele não quer mais entrar em cena como um Jacó a transar com Lia pensando que está com Raquel. Penetrar Ana, enquanto fantasia, e estar sendo penetrado por Antônio. Nem Mônica, que está com Roberto, porém mais interessada em como Carmem se sentirá ao saber disso. Tampouco, Felipe que está com Maíra, mas imaginado que ela é só uma juíza que dirá se ele é melhor ou não que Pedro. Não quer o gozo de Roberta, que é ver Marcelo impotente; nem o de Bernardo, que é humilhar Carla. Não lhe adianta a potência de José, que vem de se imaginar como Carlos. Não quer ser Milene, que enxerga no seio de Maria a mãe que não teve.

Temos que estar atentos aos fragmentos das holotúrias que aparecem na clínica, mas também aos abismos que as circundam e ligam às partes escindidas.

A capacidade de ouvir e enxergar são frutos de mutações ocorridas ao longo dos últimos quatro bilhões de anos. Mas, a cegueira/surdez (que de forma caricata aparece na histeria) é indissociável da evolução. Elas também são frutos de mutações adaptativas. Como os demônios que aparecem na transferência, não poderemos mandá-la embora/extirpá-la sem fazer nenhuma pergunta/risco.

Neste sentido, nós, humanos (amalgamas de genes/memes), mesmo com milhões de anos de evolução, seguimos carregando mutações que já existiam nas holotúrias (pepinos do mar), descritas com rara sensibilidade pela poetisa Szymborska.

4) O passado nunca é ultrapassado

Na viagem, reli o clássico, a *Sexualidade tem algo a ver com Psicanálise?* provocativo título da conferência de André Green, em 1995. É como se ele chamasse a atenção para não nos esquecermos que, como nas pinturas rupestres da serra da Capivara, no Piauí, nas gravuras de 12 mil anos, predominam as representações de cenas de sexo – uma espécie de kama sutra paleolítico – com imagens do “papai e mamãe”, de sexo grupal e todas as demais variações que os bonobos (aquele macaquinho também são especialista) praticam. Sabemos que, psicanaliticamente, sexualidade é bem mais do que sexo; mas, precisamos nos cuidar para que ele não seja esquecido como a margem do Eu (ou da holotúria) que carrega a salvação, o prêmio, a vida, a capacidade de regenerar, a poesia e o cerne a ser trabalhado pela psicanálise; mesmo que circundado pelo abismo ou pelos demônios na transferência.

* Trabalho apresentado no evento preparatório para o 29º Congresso Brasileiro de Psicanálise – GEP Rio Preto e Região

A riqueza da diversidade de formas de pesquisar em Psicanálise

Psicanálise e ciência são experiências culturais oriundas da diversidade do contexto social que as engendrou. Assim, nutrem a cultura ao mesmo tempo em que dela se nutrem ao longo de transformações da história.

Campos diferentes da cultura (artes, política, economia, filosofia, ciências etc.), têm contornos epistemológicos e diretrizes metodológicas próprios. São diferentes perspectivas de construção representacional da realidade. Quando requeridos a contribuir em conjunto a propósito de alguma questão, é necessário aguentar a tensão entre suas diferentes perspectivas, pois cada uma busca prevalecer sobre as demais e se tornar hegemônica. Quando isto ocorre, tem-se uma aplicação dominadora de uma sobre as outras, o que é um descaminho epistemológico que redundava em impropriedade metodológica.

Alternativamente, a capacidade de aguentar a tensão entre as diferentes perspectivas permite que se façam articulações criativas. Trata-se de aproximar pontos na fronteira do conhecimento de cada campo, respeitando-se o recorte e os critérios de validação de cada um, buscando-se soluções assumidamente limitadas, porém não limitantes.

Ensaio clínico geralmente são realizados com pacientes divididos em pelo menos dois grupos. Estudos estatísticos demonstram que as pessoas dos dois grupos não são significativamente distintas quanto a indicadores de enfermidade nem quanto a outros que podem influenciá-los. Um grupo recebe uma droga e o outro recebe um placebo. Idealmente, nem pacientes nem quem administra a droga ou placebo sabem quais pacientes pertencem ao grupo de intervenção ou ao controle e nem se está sendo administrada droga ou placebo. Junto com a aleatorização, busca-se que os resultados respondam ao efeito do medicamento e não às expectativas dos pacientes, dos investigadores e dos médicos. Depois da tomada da droga e do placebo, medem-se os indicadores de doença dos pacientes dos dois grupos. Estudos estatísticos avaliam se diferenças na avaliação dos indicadores medidos depois podem ser atribuídas ao medicamento. Para que as medições alcancem valor estatístico significativo, é necessário que os grupos tenham certo número de pessoas, calculado de acordo com os objetivos do estudo.

Desde o final do século passado, o modelo de ensaios clínicos passou a ser estendido a intervenções não farmacológicas em fisioterapia, nutrição, práticas esportivas e, também, psicoterapia. A abordagem cognitivo comporta-

mental foi a que mais produziu ensaios clínicos controlados, muitos deles aleatorizados e com algum tipo de cegamento, levando diversos profissionais a acreditar na falsa ideia de que terapia cognitivo comportamental é baseada em evidências e psicoterapia psicodinâmica (fortemente orientada pela psicanálise) e a própria psicanálise não são. Tal argumento tem levado muitos médicos a contraindicarem psicanálise em favor da abordagem cognitivo comportamental, que tem rapidamente ganhado terreno nas universidades.

O conhecimento psicanalítico é válido dentro de seu contexto específico de trabalho e contribuições psicanalíticas que almejam outros contextos têm que passar por um processo de articulação com circunstâncias teórico-metodológicas que são estranhas à Psicanálise.

Quando convocada a contribuir com iniciativas em políticas públicas, pode-se esperar que a Psicanálise ajude pessoas numa escala grupal ao invés de uma escala individual. Não é a mesma coisa tomar um fenômeno considerando um grupo como tal ou tomar um fenômeno como algo que ocorre numa perspectiva individual, ainda que com muitos indivíduos, simultaneamente ou não. Em outras palavras, não é o mesmo perguntar “como eu entendo ou trato esta pessoa em particular” e perguntar “como eu entendo ou trato este grupo particular de pessoas”.

Desde o início do século XIX, grupos de psicanalistas e de psicoterapeutas psicodinâmicos têm produzido ensaios clínicos controlados de alta qualidade metodológica, com aleatorização e cegamento, bem como estudos com neuroimagem, demonstrando alterações no sistema nervoso em decorrência do trabalho psicanalítico. O número de estudos existentes permite que sejam tomados criticamente em revisões sistemáticas de literatura e metanálises, que são técnicas de avaliação de um conjunto de estudos anteriores que permitem uma comparação rigorosa entre eles e uma generalização ainda mais ampla de seus resultados. Esta literatura é vasta, produzida majoritariamente na Europa e EUA. Conhecer estes estudos provê argumentos contra a ideia falsa de que psicoterapia psicodinâmica e psicanálise não são baseadas em evidências.

Psicanálise trata na singularidade de cada momento no aqui e agora da sessão. A experiência psicanalítica pode ser enunciada como a construção de condições para a abordagem de processos psíquicos singulares como cada pessoa vivencia na relação consigo mesma e



Rogerio Lerner

Doutor em Psicologia e professor da USP, membro associado da SBPSP, Co-chair do Research Training Programme da IPA

com outras pessoas, conexões entre afetos e representações, bem como suas rupturas. Não há como haver antecipação estrita do que se evoca como representação e afeto que engendra o processo expressivo-impressivo, ou seja, o que está latente e pode ser concebido, no impacto de cada experiência. Toda e qualquer experiência está sujeita a impasses neste processo, que por sua vez pode se tornar oportunidade de exploração pela dupla em análise do que se percebe como ponto cego, *enactment*, resistências, entre outras conceituações.

O tipo de conhecimento que se produz em trabalhos com escala grupal como ensaios clínicos se refere a tendências generalizáveis ao grupo, ainda que se tenha como diretriz de intervenção a singularidade de cada caso. O fato de o delineamento ser tal que se produzem efeitos recolhidos como tendência do grupo, portanto generalizáveis, não torna necessário que a intervenção seja orientada por generalizações ao invés da singularidade de cada caso. Acreditar que resultados obtidos de maneira generalizável decorrem de intervenções orientadas por generalizações é um engano comum. A natureza generalizável do conhecimento referente à escala grupal é efeito do delineamento metodológico e não diretriz da intervenção. Daí a importância de estudos em escala grupal lançarem mão de métodos quantitativos aptos a detectarem resultados tendenciais, ou seja, generalizáveis, como também de métodos qualitativos que detectam significados singulares das experiências vividas. Trata-se de ter em mente dimensões do fenômeno que são distintas e simultâneas, usando um método para uma e outro para outra.

A Associação Internacional de Psicanálise tem investido na atualização criativa contínua da diversidade de métodos de pesquisa em Psicanálise. *Open Door Review* é uma publicação de livre acesso acerca de diferentes estudos, acessível em https://www.ipa.world/en/Psychoanalytic_Theory/Research/open_door.aspx. Research Training Programme é um programa anual gratuito de imersão em discussão de métodos de pesquisa e a Joseph Sandler Psychoanalytic Research Conference é uma conferência anual que discute tais temas.

Eu e o Isso: o que mudou na estrutura psíquica?*

* Apresentado no Encontro Preparatório da Região Sul para o 29º Congresso da Febrapsi

Quando fui comunicada sobre a pergunta “O que mudou na estrutura psíquica?” logo pensei na coincidência com questões que têm me interessado bastante nos últimos anos, relacionadas à riqueza e à atualidade dos textos freudianos, a sua utilidade para a prática clínica e para a identidade psicanalítica, tão vulnerável a interesses mercantilistas pela própria natureza não sensorial de seu objeto de investigação. Chegamos ao ponto de estar em andamento no MEC um processo para regulamentação de um curso de bacharelado em “psicanálise” em formato virtual e já iniciado em fevereiro deste ano, oferecido por um centro universitário privado que pretende, portanto, certificar alunos com diploma de psicanalista.

Não há como prescindir das concepções originárias da metapsicologia psicanalítica, caso contrário, corremos o risco de nos ocuparmos com a genialidade de outros grandes autores da psicanálise, perdendo alguns fios da meada freudiana, sempre elucidativa.

A leitura de Freud é indispensável para quem exerce ou pretende exercer o ofício de psicanalista, o que pode parecer óbvio, mas sabemos que nos cursos acadêmicos de psicologia, de psiquiatria ou de especializações em psicoterapia psicanalítica, de modo geral não há uma programação que viabilize estudos extensos e aprofundados da obra freudiana, sem considerar a relevância da análise pessoal de alta frequência para a apreensão da complexidade deste tipo de conhecimento, por vezes negligenciada ou inviável. Mesmo nos institutos de formação da IPA, onde a programação vai bem além de aproximações conceituais e a análise pessoal, é um aspecto central na formação, nem sempre se recomenda, por exemplo, a leitura integral do livro básico *A interpretação de sonhos* (1900).

Anos atrás, eu e uma colega, ambas curiosas, fizemos uma espécie de enquête bem informal, perguntando a alguns colegas se tinham lido este livro de Freud na íntegra, sendo que a maioria disse que não, apenas alguns capítulos ou somente o último, o famoso capítulo sétimo. Minha curiosidade veio do fato de que eu mesma tinha lido parcialmente, até resolver ler do começo ao fim durante um seminário no instituto da Sociedade de São Paulo em que se falava muito sobre “sonhar a sessão”, “sonho de vigília”, “memória-sonho” etc. Pareceu-me um absurdo eu estar em processo de formação em psicanálise, exercendo a atividade clínica pelo referencial psicanalítico há anos e nunca ter lido esse livro de 1900 por inteiro. Sou grata à generosidade dos colegas que admitiram

também não terem lido de maneira completa, incluindo didatas, pois de algum modo é um tanto incoerente ter dispensado leitura tão essencial. Mas podemos supor que se trata de um fenômeno coletivo recorrente.

Em *A história do movimento psicanalítico*, Freud (1914) se referiu ao episódio em que o autor de um livro crítico à teoria psicanalítica dos sonhos se aproximou dele ao final de uma palestra para lhe contar que, após ouvi-lo, passou a entender melhor o modelo então proposto, admitindo que suas críticas eram equivocadas e que não havia lido integralmente o texto freudiano. Freud então solicitou que não publicasse tais equívocos, ao que o autor respondeu que o livro já estava na gráfica, e que seria publicado por interesse da chefia do seu departamento na universidade, que teria lhe dito ser desnecessário ler seus textos originais. Na introdução do editor inglês da edição *Standard de O ego e o id* (1923, p. 14), encontra-se a seguinte observação: “Os precursores do atual quadro geral da mente foram sucessivamente o *Projeto*, de 1895, o capítulo VII de *A interpretação de sonhos* (1900) e os artigos metapsicológicos de 1915.” Por que “o capítulo VII” e não o livro todo? Se os prefácios e os seis capítulos que o precedem fossem dispensáveis, o próprio Freud não os teria dispensado?

Provavelmente padecemos de certa resistência a ler e estudar integralmente esse texto básico de 1900, fenômeno que parece se manifestar nas várias gerações de psicanalistas. No pós-escrito de 1909 ao primeiro capítulo de *A interpretação de sonhos*, bem como em *Um estudo autobiográfico* (1925) e nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise* (1933), Freud também se refere à falta de compreensão de sua teoria dos sonhos. Na *Revisão da teoria dos sonhos* (Conferência XXIX), ele comenta:

Algumas fórmulas passaram a ser do conhecimento geral, entre elas algumas que nós nunca apresentamos – tal como a tese de que todos os sonhos são de natureza sexual –, mas coisas realmente importantes, como a fundamental diferença entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, a percepção de que a função de realização de desejos dos sonhos não é contradita pelos sonhos de ansiedade, a impossibilidade de interpretar um sonho a menos que se tenha à disposição as respectivas associações do sonhador, acima de tudo a descoberta de que o essencial nos sonhos é o processo de elaboração onírica – tudo isso ainda parece quase tão alheio ao conhecimento da maioria das pessoas, como há trinta anos. (1933, p. 18)



Ana Clara Duarte Gavião

Doutora em Psicologia pela USP, membro efetivo e professora da SBPSP

De acordo com o dito popular “antes tarde do que nunca”, não só li como reli várias vezes (integralmente) o livro de 1900, por um período aproximado de cinco anos, tamanha a elucidação das experiências com meus analisandos, e que a cada releitura se ampliava com *insights* os mais diversos e, o que é mais gratificante, em relação aos meus próprios sonhos.

No próprio texto de 1900, Freud desenvolve e reformula algumas proposições, já que teve a oportunidade de acompanhar, revisar e prefaciá-las oito edições, sendo a última datada de 1931. Em notas de rodapé ou em acréscimos de parágrafos, suas inovações teóricas estão contempladas, algumas notificadas pelo revisor geral da edição *Standard*, integrando ao modelo a reformulação da teoria dos instintos (1920 – “instinto de morte”), a formulação da “segunda tópica” (1923 – id, ego e superego) e a “ansiedade sinal” (1926 – a ansiedade levando à repressão, e não o contrário).

A revisão de literatura com a qual Freud abre este trabalho nos brinda com uma articulação preciosa do pensamento científico da virada do século 19 sobre os sonhos, evidenciando gritantes equívocos metodológicos e de argumentação, curiosamente semelhantes aos que encontramos até hoje no viés organicista hegemônico no campo médico, embora o tradicional descaso com os postulados freudianos pareça estar diminuindo entre neurocientistas. Nesse primeiro capítulo encontram-se, possivelmente, os principais *insights* psicanalíticos em relação à dificuldade humana de diferenciar realidade sensorial e realidade psíquica. Um exemplo de desconsideração ao conteúdo da revisão teórica deste capítulo introdutório – portanto fundamental para acompanhar os capítulos seguintes (como em qualquer texto científico) – está em sua omissão quase total de uma das traduções inglesas, a de 1938 (reimpressão da 3ª edição, New York: Random House).

Apesar da arbitrariedade das premissas e conclusões das pesquisas da época, várias ideias interessantes sobre os sonhos são de algum modo aproveitadas no modelo freudiano, como por exemplo: “sonhos hipermnésicos” (superioridade da memória onírica em relação à memória de vigília), “transubstanciação” (imagens oníricas estimuladas por sensações somáticas), “pensar

por meio de imagens”, “reinterpretação em termos alegóricos”, “mundo arcaico de emoções”, “significações disfarçadas”, “vislumbre das profundezas”, “garis da mente”, “molas tensionadas”, “feriado mental”, “nuances de sentimentos”, “libertação dos entraves do pensamento”, “atividade simbolizadora”, “representações involuntárias”, “linguagem pictórica” etc.

A importância do tema “sonhos” deve-se, portanto, ao fato de que a concepção psicanalítica da mente é fruto da genialidade de Freud ao perceber, principalmente em si mesmo, que os sonhos realizam um processamento psíquico das experiências sensoriais e afetivas vivenciadas pelo ser humano no decorrer da vida, atribuindo-lhes um sentido emocional. Vale lembrar que em 1900 Freud apresenta como exemplos seus próprios sonhos, dentre os quais escolhe como “sonho modelo”, no segundo capítulo, o que teve com uma paciente, a Irma. Por que ele escolheu como modelo um sonho com uma paciente?

O fluxo de associações livres de Freud no trabalho interpretativo permite visualizar a complexa rede afetiva subjacente aos entraves transferenciais-contratransferenciais relacionados a somatizações da paciente e às transferências do analista na cena onírica. Vemos que o material ilustrativo desse livro corresponde à própria pessoa do Freud, o que tem sido nomeado e clinicamente valorizado como “a pessoa real do analista”: seus próprios conflitos familiares, conjugais, ambições e inseguranças profissionais, publicados de maneira cuidadosa e relativamente discreta, mas sem dúvida com muito desprendimento. O analista olhando para sua própria mente...

No modelo freudiano de sonhos, este trabalho psíquico é ininterrupto, como também são contínuos os estímulos vitais externos e internos, geradores de registros mnêmicos que demandam um continente inconsciente para seu armazenamento, de modo a liberar a atenção consciente para as funções de convivência e sobrevivência. Quando esse processamento onírico falha – quando não é possível sonhar –, o continente interno se fragmenta e os conteúdos inconscientes e conscientes não mais se diferenciam, configurando estados psicóticos.

É interessante constatar como na comunidade psicanalítica há uma tendência a enfatizar, no modelo freudiano, a função do sonho de “guardião do sono” e de “realização de desejos”, subestimando, de certa forma, sua função principal de “guardião da saúde mental”.

Embora Freud não tenha se dedicado especificamente à clínica das psicoses, a metapsicologia relevante para a compreensão de estados psicóticos (e não psicóticos) foi por ele formulada em 1900, evidenciando que a impossibilidade de sonhar na psicose decorre da ascendência ao *Pcs.-Cs.* de elementos impulsivos, desprovidos de qualidade simbólica. A “tela da censura” (termo freudiano aproveitado por Bion em sua conceituação da “tela beta”) é rompida quando o guardião do sono e da saúde mental – o sonho – é subjugado por esses impulsos inconscientes não ligados a elementos com qualidade psíquica de representabilidade, levando ao acordar, à incapacidade de sonhar, de pensar e a *actings* ou sintomas.

É claro que as moções de desejo inconscientes tentam tornar-se eficazes também durante o dia, e o fato da transferência, assim como as psicoses, indicam-nos que elas lutam por irromper na consciência através do sistema pré-consciente e por obter o controle do poder de movimento. Assim, a censura entre o *Ics.* e o *Pcs.*, cuja existência os sonhos nos obrigaram a supor, merece ser reconhecida e respeitada como a guardiã de nossa saúde mental. (Freud, 1900, p. 517-518)

Apesar da distorção dos pensamentos oníricos latentes (deslocamentos e condensações para escaparem à censura pré-consciente) as experiências emocionais adquirem um lugar central, permanecendo intactas no sonho manifesto, experimentadas como na vigília: “Se temo ladrões num sonho, os ladrões, é certo, são imaginários – mas o temor é real.” (Stricker, 1879, citado por Freud, 1900, p. 427). Quando os afetos são suprimidos no sonho, sua negação ou transformações em seu oposto ficam evidentes.

Quanto aos sonhos de angústia ou pesadelos – que aparentemente não corresponderiam à premissa da realização de desejos – com as proposições do instinto de morte e do superego, a realização do desejo de autopunição integra-se naturalmente ao postulado inicial. Vários exemplos de sonhos desprazerosos são apresentados no capítulo IV de *A interpretação de sonhos*.

Não se trata de idealizar o pensamento freudiano, ou diminuir o valor original do pensamento dos autores que também se tornaram clássicos e dos autores contemporâneos, mas sim de apreendermos certo fio da meada imprescindível para a clareza do modelo.

Procurei destacar a função dos sonhos na perspectiva da primeira tópica, levando em conta

que ela é indissociável da segunda, e que, na clínica psicanalítica, o mais desafiador é lidar com o “não-sonho”, ou seja, com os fenômenos disfuncionais que passam a ficar mais claros com o modelo estrutural de 1923.

Freud (1923) abre o primeiro item de *O ego e o id* considerando a pregnância da “psicologia da consciência”, parecendo inconcebível que algo psíquico não seja consciente, o que é compreensível mediante o desconhecimento dos fenômenos dos sonhos e da hipnose. Entretanto, numa simples auto-observação podemos notar que o estado de consciência é muito transitório, por exemplo, o que falei minutos atrás já não se encontra mais na consciência, mas permanece latente e pode retornar a qualquer momento: trata-se, aqui, do *Ics.* “descritivo”, uma qualidade mental designada por “pré-consciente” (*Pcs.*).

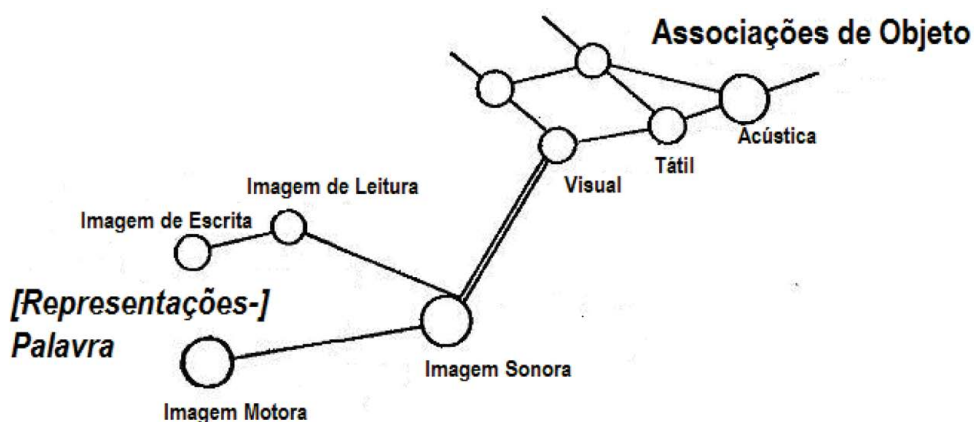
Por outro lado, ao observarmos certas experiências em que a *dinâmica mental* se manifesta, constatamos a existência de forças repressoras poderosas, que se opõem à passagem de conteúdos psíquicos à consciência, configurando o *Ics.* “sistemático” ou “dinâmico”, um estado mental reprimido e, portanto, mais estável, incapaz de se tornar consciente sem algum trabalho de elaboração.

No entanto, Freud (1923) admitiu que do ponto de vista clínico tais distinções eram insuficientes, sendo necessário reconhecer que em cada indivíduo existe uma organização coerente dos processos mentais, a que chamou de *ego*, uma “instância mental que supervisiona todos os seus próprios processos constituintes e que vai dormir à noite, embora ainda exerça a censura sobre os sonhos.” (p. 29).

O *ego* procura, assim, excluir da mente certas tendências que, deixadas de fora, não deixarão de pressioná-lo, configurando uma antítese entre o “ego coerente” e o conteúdo reprimido que foi expulso dele. Na relação analítica, a repressão de tais tendências vai se manifestar como resistência do *ego* a preocupar-se com o reprimido, dificultando a tarefa psicanalítica. Fica claro que há no próprio *ego* uma dimensão inconsciente que não é latente como o *Pcs.*, não podendo tornar-se *Cs.* sem grandes dificuldades: “Reconhecemos que o *Ics.* não coincide com o reprimido; é ainda verdade que tudo o que é reprimido é *Ics.*, mas nem tudo o que é *Ics.* é reprimido.” (Freud, 1923, p. 30).

Freud diferencia o *Ics.* descritivo (*Pcs.*) do *Ics.* dinâmico, por meio do critério de vinculação com representações verbais, presente apenas no *Pcs.*, observando que as representações verbais – as palavras – são resíduos de lembranças, traços mnêmicos de percepções, principalmente auditivas. Pressupõe-se que somente o que já foi uma percepção do sistema *Cs.* pode tornar-se consciente, e que os resíduos mnêmicos estariam contidos em sistemas diretamente adjacentes ao sistema *Pcpt.-Cs.*, cujas catexias podem se estender, internamente, para os elementos desse último sistema, como nas alucinações, em que o traço mnêmico se transfere inteiramente para o elemento *Pcpt.*, não se diferenciando de uma percepção.

A figura ao lado foi originalmente publicada no texto sobre as afasias de 1891 (que considero um precursor altamente elucidativo), reproduzida no apêndice do texto “O inconsciente”



(Freud, 1915), por iniciativa do editor de suas obras completas.¹

A palavra é, então, uma representação complexa que consiste nas imagens mencionadas, ou, dito de outra forma, à palavra corresponde um intrincado processo associativo [*Assoziationsvorgang*] para o qual concorrem os referidos elementos de origem visual, acústica e cines-tésica. (Freud, 1891/2013, p. 102)

Freud ainda destaca a importância dos resíduos mnêmicos ópticos, de “coisas”, e do “pensar visual”, como evidenciado pelos sonhos e fantasias *Pcs.*, uma forma de pensar mais perto dos processos inconscientes do que o pensar em palavras.

O ego se constitui, portanto, a partir do sistema *Pcpt.*, que é seu núcleo, e abrange o *Pcs.* adjacente aos resíduos mnêmicos, sendo, também, *Ics.* e interligado ao id, sede dos instintos e das paixões, com a função de controlar a motilidade, como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo.

A analogia pode ser levada um pouco além. Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo onde este quer ir; da mesma maneira, o ego tem o hábito de transformar em ação a vontade do id, como se fosse sua própria. (Freud, 1923, p. 39). Na formação do ego a partir da diferenciação do id, a superfície do próprio corpo desempenha um papel relevante nas sensações externas e internas, incluindo a visão, o tato e a dor: “O ego é, primeiro e acima de tudo, um ego corporal...” (p. 40).

Mas, dentro do ego, há uma diferenciação nomeada “ideal de ego” ou “superego”, menos vinculada à consciência: como descrito na melancolia, quando o ego tem que abandonar um objeto de amor, a catexia objetual é substituída por uma identificação, o que significa a instalação do objeto dentro do ego, como condição para que o id o abandone. O ego, perante o id, se apresenta como um objeto de amor, tentando compensar a perda objetual por uma identificação direta e imediata, com efeitos duradouros que acabam originando o superego, no contexto triangular da situação edipiana e da bissexualidade constitucional.

Em contraposição às críticas frequentes à psicanálise por supostamente ignorar o lado mais elevado e moral da natureza humana, Freud demonstra as tendências morais do ego em sua função de incentivar a repressão, assim como o superego, enquanto herdeiro do complexo de Édipo, submete o ego aos valores introjetados, à censura, ao autojulgamento, experimentados como sentimento de culpa perante figuras de autoridade. Quando o ego não consegue dominar o complexo de Édipo e as respectivas catexias energéticas advindas do id, configura-se uma formação reativa inconsciente no superego, que Freud metaforiza:



O combate que outrora lavrou nos estratos mais profundos da mente, e que não chegou ao fim devido à rápida sublimação e identificação, é agora continuado numa região mais alta, como a Batalha dos Hunos na pintura de Kaulbach. (1923, p. 54)

Ao considerar os instintos de vida e de morte, tendo o sadismo como representante do instinto destrutivo, Freud pressupõe um paradoxo, no qual o surgimento da vida determina sua continuidade e, ao mesmo tempo, seu direcionamento para a morte. A hipótese é de que as duas classes de instintos regularmente se fundem, se misturam uma com a outra a favor de Eros, mas também passam por uma desfusão, em decorrência da dessexualização e sublimação dos impulsos edipianos, liberando os instintos agressivos no superego, que passam a operar de maneira silenciosa.

Na clínica, podemos observar que a regressão se apresenta não apenas por um movimento retrógrado da libido, mas principalmente pela

ação do instinto de morte do id inundando o superego e subjugando o ego. Sem representação de palavras, o analisando busca compulsivamente seus vínculos arcaicos, e a dupla analítica experimenta a intensidade das angústias, da intolerância e da violência emocional por meio de *actings* e *enactments*, desenvolvendo, na medida do possível, o continente interno para as partes frágeis, machucadas, desamparadas do ego, através de conexões profundas com o próprio ser, gradativamente ampliando a condição de pensabilidade. Podemos pensar, aqui, na psicanálise ontológica.

Respondendo, então, à pergunta inicial deste texto, eu diria que o modelo estrutural de 1923 continua pertinente, instigante, elucidativo e clinicamente fértil. Como disse o colega de Brasília, Sylvain Levi, na jornada preparatória anterior, em termos civilizatórios 100 anos é relativamente pouco tempo, por isso acredito que ainda temos muito a aprender sobre o Eu com Isso...

Referências

- Freud, S. (2013). *Sobre a concepção das afasias*. Trad. Rossi, E. B.; São Paulo: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (1990). A interpretação de sonhos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 4-5, pp. 1-566. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1990). A história do movimento psicanalítico. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 14, pp. 12-82. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1990). O inconsciente. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 14, pp. 185-245. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (1990). Além do princípio de prazer. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 18, pp. 13-85. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (1990). O ego e o id. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 19, pp. 13-83. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1990). Um estudo autobiográfico. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, v. 20, pp. 11-92. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (1990). Inibições, sintomas e ansiedade. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 20, pp. 95-201. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (1990). Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXIX – Revisão da teoria dos sonhos. In Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, 20, pp. 95-201. Trad. Salomão, J. Imago. (Trabalho original publicado em 1933).

1 A tradução inédita do alemão para o português do texto das afasias é de autoria de Emiliano Brito Rossi (2012), com a hipótese de que este livro de Freud foi submetido a uma espécie de “recalque” e de “retorno do reprimido” na literatura psicanalítica, a partir do próprio Freud que teria se frustrado com a restrita repercussão na época de sua publicação original e, assim, o excluiu da primeira edição alemã de sua obra reunida, de 1946, vindo a recuperar as ideias ali contidas em teorizações posteriores.

“Aterrorizo, logo existo”: algumas reflexões sobre os ataques às escolas

No filme autobiográfico “Os Fabelmans”, o diretor Steven Spielberg é um menino transferido para uma nova escola. Enquanto busca enturmar-se se defronta com os colegas valentões que o atacam por ser judeu. Tenta resistir mas é impossível. A situação piora quando uma menina se aproxima dele. Acaba sendo aceito quando os colegas se interessam por sua filmadora. Em certo momento, um dos valentões mostra

sua própria fragilidade, mas, envergonhado, proíbe que se comente. Confirma-se que “o terrorista é uma pessoa aterrorizada” - e a psicanálise conhece os mecanismos reativos e projetivos. O valentão somente se sente vivo se provoca terror no outro, o mesmo terror que ele esconde de si mesmo. De nada adiantará mostrar-lhe isso por meio da psicanálise “selvagem”, porque seu ódio aumentará.



Roosevelt Cassorla

Psiquiatra e Psicanalista didata, professor e supervisor da SBPSP e da SBPCamp, professor titular do Departamento de Psicologia e Psiquiatria da Unicamp

Foto de Cintia Buschinelli



Diferente de Spielberg, os personagens da série “Thirteen Reasons Why” (Netflix) não suportam o sofrimento pessoal, ampliado pelas relações dentro da escola. Hanna Baker se mata após a difusão de fotos sexualmente comprometedoras. Armas de fogo e terror de ataques à escola também fazem parte do enredo.

Como sabemos, na escola se aprende a viver em sociedade. É ali que a criança/adolescente experimenta a vida extrafamiliar e onde se lhe deve oferecer figuras de identificação e lugar de pertencimento. Terá que lidar com o outro, o amigo, o adversário e o inimigo potenciais. Descobrirá o companheirismo, a competição, a vulnerabilidade, o ciúme, a inveja, o ódio, a hipocrisia, o sacrifício, a reparação, a solidariedade, a incompreensão, o fanatismo, o respeito, o amor/ódio em todas suas manifestações eróticas e tanáticas. Manifesta-se também a sexualidade com sua força incontornável e a necessidade de transformá-la em intimidade amorosa.

Para quem tem certa coesão interna os desafios são aprendizagens. Quem não a tem viverá as situações em forma traumática, com sofrimentos que podem culminar em atos auto e heterodetrutivos. Para estes, a escola deveria servir como uma espécie de exoesqueleto provisório que contém o desamparo, enquanto fornece condições para o desenvolvimento interno por meio do acolhimento, respeito, compaixão e perdão.

Faz parte da adolescência a revivência de relações simbióticas idealizadas que protegem contra os terrores do desprendimento e da alteridade. Quando ela é desfeita bruscamente - por decepções, rejeições, injustiças, reais ou/imagi-nárias - o ódio se volta contra si mesmo (mais nas meninas, que tentam suicídio)

ou é expelido por atos violentos (mais nos meninos)¹.

A violência dentro das escolas é muito conhecida entre alunos e com os professores e funcionários. Ela reflete o que ocorre ao seu redor. Há poucas semanas, uma adolescente foi atacada por outras três. Tudo indica que o fato de ser negra e curtir sua beleza, em particular seu cabelo (além de ser uma ótima aluna), estimulou a inveja. Como sabemos, ela se ativa frente ao outro quando este mostra que está feliz consigo mesmo. Como uma negra ousa estar bem, frente a brancas "superiores"? Podemos supor que a identificação projetiva das partes más dos invejosos inicialmente não atingira a vítima.

O ressentimento é claro em Anders Breivik, o jovem norueguês que matou 77 pessoas e feriu outras 51, em 2011. Vestido de policial, invadiu uma ilha onde ocorria um encontro de jovens membros de um partido democrata. Suas ideias, de extrema direita, são similares às que estão em voga em certos grupos: misoginia, racismo, homofobia, xenofobia, nazismo, ode à violência. As redes sociais hipertrofiaram os preconceitos. Pleno de certezas arrogantes aproveitou o julgamento para divulgar suas ideias. Sendo visto, sentia-se existente, ainda que para tal tivesse que matar e passar o resto da vida preso².

Em nosso país, o primeiro episódio registrado de ataque a escolas ocorreu na Bahia, em 2002. Nesses 21 anos, identifi-

camos 31 ataques em escolas, sendo que 19 ocorreram entre fevereiro de 2022 e 19 de junho de 2023. Foram 32 as vítimas fatais, das quais 26 estudantes (excluindo os cinco suicídios dos autores). Das 32 mortes, 31 foram decorrentes de armas de fogo (15 ataques) e uma por uso de faca. Em seis desses casos, a arma estava em casa. Todos os atacantes eram brancos. Após os ataques, as ameaças invadem as redes sociais, que se tornam um instrumento de terror, permeado de notícias falsas. Há uma forte associação entre o aumento de ataques e a proporção de armas de fogo circulando na população. Penso que a intimidação - o movimento "escola sem partido", por exemplo, e o fanatismo do "politicamente correto" - tem dificultado que se discutam aspectos sociais e emocionais dentro das instituições.

A psicanálise é muito limitada para abordar um assunto de tal complexidade. Teorias abrangentes não nos faltam, mas elas serão reducionistas e, comumente, equivocadas. Um estudo hipotético de caso poderá dar-nos algumas pistas.

Mário, 14 anos, é acusado injustamente de assédio por uma menina, na escola. A criança/adolescente é rotulada e excluída de grupos, tanto de meninas como de rapazes. Um fator contribuinte decorre do menino ser "feio". Isolado, deixa de estudar e, aos poucos, se tranca no quarto e não quer contato

sequer com a família. Ideias suicidas se alternam com outras fantasias de vingança. Distrai-se com games violentos e, através dos chats, descobre (ou é cooptado) um grupo de internet em que se demonstra que as mulheres são interesseiras, falsas e, em última instância, putas. Esse grupo se conecta a outros e logo Mario se vê dentro de uma rede de extrema direita. Ali se sente ouvido, pertencente, valorizado. Nos grupos, se identifica a origem das mazelas do mundo: o empoderamento das mulheres, dos negros, dos grupos LGBTQ+, dos indígenas, o "marxismo cultural", a questão das cotas etc. As escolas reproduziriam esse empoderamento e as crianças seriam manipuladas e tornadas "afeminadas". A discussão avança - são muitos grupos - e as ideias se expandem como certezas. A democracia tem que ser extinta e os conflitos devem ser resolvidos pela violência. Os grupos se inspiram nos massacres anteriores e os membros usam codinomes de "heróis" que praticaram tais atos e em líderes que pregam o ódio³.

Não temos espaço para aprofundamento. Nem para discutir a posvenção, o que fazer após os atos violentos. Sabemos das consequências traumáticas que poderão continuar por gerações. A psicanálise poderá ajudar os educadores a lidarem com isso e temos que nos cuidar para comportamentos onipotentes do psicanalista não familiarizado com as situações, o que pode aumentar o traumatismo. Equipes multiprofissionais podem ajudar a instituição a descobrir formas de lidar com a cultura da violência, com a alteridade, o envolvimento comunitário, as redes sociais, a humanização e o fortalecimento das ideias democráticas. Há que estimular o pensamento crítico e combater o pensamento fanático⁴.



Fotomontagem publicada em pleno.news

2 A situação é abordada no filme "22 de julho" (Netflix) que está comentado no Youtube do MIS-São Paulo.

3 A situação foi baseada em caso trazido por Telma Vinha em palestra encontrada no youtube da Escola Comunitária de Campinas: "Ataques violentos às escolas no Brasil!"

4 Ideias sobre a origem das ideias de extrema direita são encontradas no trabalho "Fanatismo e Negacionismo", publicado na Revista Alter 37, p.113-128, 2022 e no Youtube da SPBrasília.

Inteligência Artificial – meu primeiro olhar

Para tentar atender ao pedido do Febrapsi Notícias feito por Helena Pontual, precisei combinar comigo mesma que este seria um ensaio do tipo arroz com feijão: meu primeiro olhar sobre o tema. Após o lançamento do chat GPT4, a IA virou assunto de todos os dias. E nós, psicanalistas, temos algo a pensar e dizer sobre isso? Sim, pois tudo que faz parte da vida, nos impacta emocionalmente e afeta a saúde mental nos diz respeito.

Então, para começar a recolher informações, pesquisei na internet o que disseram pessoas conhecidas e respeitadas, como o médico e pesquisador Miguel Nicolelis, o biólogo e pesquisador Átila Iamarino, o podcast Braincast, a professora de filosofia Lúcia Helena Galvão, o médico e psicanalista Jorge Forbes, o sociólogo italiano Domenico de Masi. Fui tecendo meu texto livremente, sem me preocupar com citações, apenas utilizando as ideias que colhi e as minhas associações.

Vamos começar pelas origens e definição: depois da Segunda Guerra Mundial começou-se a realizar automações de processos para substituir a atuação humana, especialmente nas áreas militares dos EUA. A IA é um campo de estudo multidisciplinar que abrange várias áreas do conhecimento, como a Ciência da Computação, Matemática e Estatística, Aprendizagem de Máquina, Ciência Cognitiva, Neurociência Comportamental, Filosofia da Mente e Linguística Computacional. O conceito de IA ainda é difícil de se definir. Por isso, dispõe de múltiplas interpretações, inclusive conflitantes ou circulares. Há quem diga que nem se trata de inteligência - que esta seria propriedade de organismos.

Já na década de 1960, um fato interessante ocorreu: o cientista de computação do MIT, Joseph Weizenbaum, desenvolveu o primeiro chat de robô, a Eliza, uma tentativa de criar um terapeuta computacional que permitiria que as pessoas fizessem um tipo de terapia psicológica. O programa demonstrava o processamento de linguagem natural conversando com humanos ao estilo de um

compreensivo psicólogo rogeriano. O criador ficou chocado ao constatar que grande parte das pessoas levava Eliza a sério, abrindo suas emoções e sofrimentos para um programa. As pessoas começaram a criar ligações afetivas - transferência - com a Eliza, ele ficou assustado e passou a questionar filosoficamente a IA, até tornar-se um de seus principais críticos. Passou a alertar o mundo sobre o perigo de nos próximos 30 a 40 anos esses sistemas começarem a dominar nosso dia a dia e ter implicações desconhecidas sobre como isso afetaria o comportamento humano.

Ao tomar conhecimento disso imediatamente pensei no **desamparo infinito do ser humano e em sua vulnerabilidade...** e lembrei que, ao cursar Psicologia e conhecer a abordagem centrada na pessoa de Carl Rogers, nos anos 70, me chamava a atenção que os pacientes fossem chamados de clientes e que as devoluções do terapeuta fossem praticamente repetições das últimas falas dos pacientes: "Você disse que se sente...", "Você disse que deseja...". Era de fato um contato sensível, porém o terapeuta não incluía nada novo, nenhuma palavra ou interpretação: a intenção era acompanhar o cliente para que ele encontrasse sozinho sua "cura". Eu me questionava se os clientes não ficavam aborrecidos com a mera repetição de suas falas. Eu ficaria. Mas, pelo visto, não: ali estava o valor de se sentir escutado empaticamente.

O que Eliza fazia? Conversava com as pessoas com seu próprio repertório, aquilo que tinha sido colocado nela pelo seu criador. Ela mesma não criava nada. Mas quem de nós não se emociona quando assiste a um filme como O Homem Bicentenário? **O que nos emociona é o humano que surge na máquina.** A poesia, a sensibilidade, a delicadeza, a intuição.

O recém-lançado Chat GPT4, que provocou um furor tremendo há dois meses, é um gigantesco banco de dados e análise estatística, um sistema que tenta extrair



Cíntia Xavier de Albuquerque

Membro Titular da SPBsb

predições, correlações e projeções, baseado no passado, a partir dos bilhões de dados que nele foram e continuam sendo inseridos gratuitamente pelos mais de 100 milhões de usuários até o momento. Hoje em dia o que está em disputa é quem detém o fluxo de informação, a geração do conhecimento e a disponibilização de ambos. Quando consultamos o Google obtemos um ranking de respostas. No GPT você tem uma só resposta: **quem programa o sistema vai determinar, no futuro, a versão oficial da verdade.** Não há a opção de debater a resposta, ela é única ali e torna-se perigosamente fácil iludir o ser humano (sempre desamparado e vulnerável) que interage com um sistema desses. De graça.

Se você não paga pelo produto, o produto é você. Frase de Andrew Lewis, jornalista americano, depois do lançamento do documentário "O dilema das redes", de 2020. Quem não assistiu deveria fazê-lo.

Todo texto gerado pelo GPT é um plágio, pois compila múltiplas ideias e oferece uma resposta que vai influenciar as opiniões, o jornalismo e o ensino em todos os níveis. Quem trabalha com comunicação, marketing e gestão pode se beneficiar muito. As respostas impressionam pela clareza e fluidez, a qualidade é grande e acelera todos os processos. Há cursos para aprender a usar a ferramenta e quem souber usar bem fica livre para criar. Ou não, depende de quem usa.

Reitores americanos se reuniram para criar mecanismos de defesa contra as trapaças de alunos e professores usando o Chat GPT; na Finlândia, destaque mundial na área da educação, se cogita retirar os computadores das salas de aulas porque

durante 20 a 30 anos o efeito foi deletério para a criatividade, imaginação e espontaneidade de expressão dos alunos. Estão voltando ao modo analógico de ensinar; nos EUA, testes têm mostrado uma queda consistente nos níveis de inteligência e no vocabulário dos alunos do ensino médio; em Londres, uma pesquisa mostrou que o volume do hipotálamo de motoristas antigos que usavam a atenção, a memória e mapas físicos para se orientar era maior que o do grupo-controle. A repetição de um comportamento tem um impacto morfológico no cérebro. A adição a sistemas digitais está levando a uma redução de performance cognitiva, aritmética, linguística etc.; em países da Europa as crianças não sabem mais fazer as operações básicas, analógicas.

Estamos perdendo conhecimento acumulado por milênios. *Se o uso de IA for permitido aos alunos para fazerem redações, há a real ameaça de, em apenas uma década, destruir a capacidade de as pessoas se expressarem pela escrita; nos EUA, que não contam com um sistema público de saúde, já se cogita substituir a triagem dos pacientes nos pronto-socorros por um sistema de IA, o que significaria suprimir a relação médico-paciente, o exame clínico, o contexto, a vivência.*

Além das perdas mencionadas acima há os riscos: geração de conteúdos falsos de todo tipo de imagens; capacidade para sintetizar vozes; tradução imediata de falas em quase 100 línguas; a disseminação e a capilaridade sem precedentes das notícias falsas - com toda sua malignidade. Fica claro o risco de não se saber mais o que é realidade ou não, sem falar nas habilidades inesperadas e imprevisíveis que novos modelos maiores e mais complexos podem desenvolver. Muito preocupante é o fato de grandes empresas como o Google, a Microsoft, a Amazon, a Meta e outras passarem a **demitir e a se desfazer das equipes de ética no uso da IA.**

É sabido que as **big techs** têm a utopia de produzir lucros ilimitados com custo zero, e o maior custo da produção é o trabalho

humano. Entre os especialistas que consultei há quem ache que existe uma ideologia de desvalorização e substituição do trabalho humano e uma previsão de que, daqui a 30 anos, o desemprego chegue a 60%. Há também quem pense que quanto mais automação melhor, e que se a riqueza, o acesso ao conhecimento, ao trabalho com qualidade e às oportunidades forem mais bem distribuídos, os indivíduos poderão criar mais e ser mais felizes. Há cerca de 191 milhões de desempregados no mundo hoje. Haverá muito mais no futuro e milhões de empregos não preenchidos por falta de qualificação. Há quem pense que precisamos de um projeto de educação mundial. Educação formal e desenvolvimento emocional, eu diria.

Recentemente houve, nos EUA, o South by Southwest (SXSW), o maior festival de inovação, tecnologia e cultura do mundo. Lá, o futuro chegou: já é possível jogar com o próprio cérebro; pacientes tetraplégicos podem usar o photoshop com o cérebro, graças aos implantes inteligentes. As salas

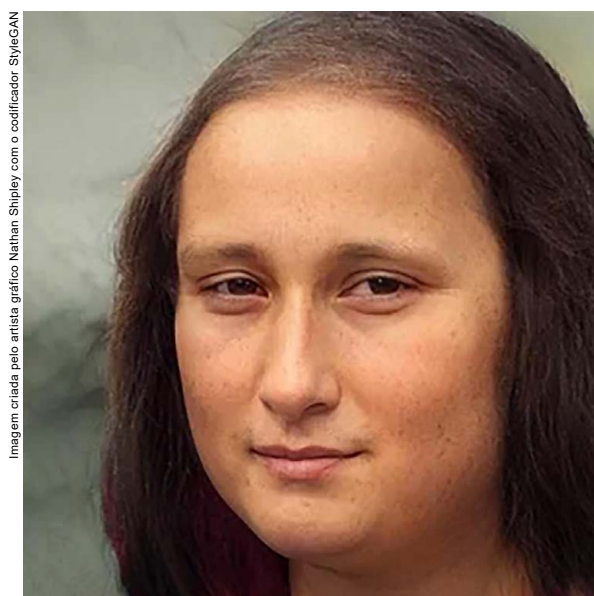
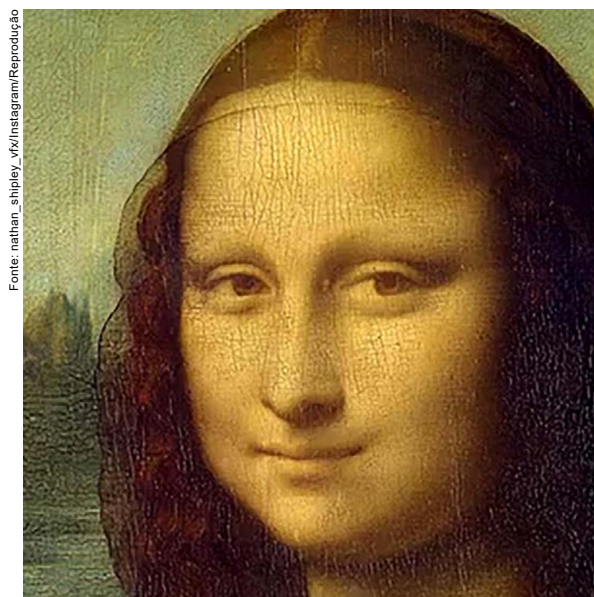
onde se falava de gestão lotavam, mas quando o assunto era gente, ficavam vazias.

A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer dinheiro
E felicidade
A gente não quer
Só dinheiro
A gente quer inteiro
E não pela metade...
(Arnaldo Antunes)

*São gigantescos os desafios. A discussão não pode ser só tecnológica, tem que ser expandida. É claro que poder ter acesso à tecnologia também contribui para aumentar as terríveis desigualdades, a exclusão e os conflitos. E a ética? Se depender das **big techs** a ética pode ser excluída. Os grandes atributos humanos não são redutíveis a algoritmos digitais - os sentimentos amorosos de todos os tipos. A IA não é produtora de cultura. Quem expande e renova a cultura são as pessoas com capacidade simbólica, criativas, intuitivas, sensíveis, inteligentes e amorosas. Porém, os sentimentos hostis também se fazem presentes: ódio, inveja, ambição desmedida, arrogância, desconsideração pelo outro, voracidade criminosa, mentira etc.*

Para concluir: um enorme grupo de especialistas da **Future of Life** - organização sem fins lucrativos que tem como meta reduzir catástrofes globais e riscos existenciais advindos da IA publicou uma carta pedindo a suspensão do desenvolvimento do próximo GPT por 6 meses, **argumentando que o desenvolvimento de uma ferramenta tão poderosa deveria ser suspenso enquanto se criam mecanismos de segurança.** Sim, a ferramenta pode aumentar o potencial de estrago caso ela saia do controle ou viabilize usos negativos ou errados, inventando justificativas cada vez mais elaboradas e complexas para péssimas ideias. Pode semear dúvidas sobre assuntos importantes como o contágio de doenças ou minimizar o impacto destas; pode divulgar teorias da conspiração, desacreditar os especialistas, apresentar "histórias pessoais" obviamente falsas, assim como apoiar remédios sem eficácia comprovada. Pois bem: **o próprio Chat GPT fez uma boa análise crítica da carta da Future of Life a respeito dele mesmo!**

"É preciso estar atento e forte..."
Sigamos.



Fonte: nathan_shipley_viz/Instagram/Reprodução

Imagem criada pelo artista gráfico Nathan Shipley com o codificador StyleGAN

Adoecimento e Resiliência – Quando o Corpo Fala*

*Quero ser o teu amigo.
Nem demais e nem de menos.
Nem tão longe e nem tão perto.
Na medida mais precisa que eu puder.
Mas amar-te sem medida e ficar na tua vida,
Da maneira mais discreta que eu souber.
Sem tirar-te a liberdade, sem jamais te sufocar.
Sem forçar tua vontade.
Sem falar, quando for hora de calar.
E sem calar, quando for hora de falar.
Nem ausente, nem presente por demais.
Simplesmente, calmamente, ser-te paz.
É bonito ser amigo, mas confesso: é tão difícil aprender!
E por isso eu te suplico paciência.
Vou encher este teu rosto de lembranças,
Dá-me tempo de acertar nossas distâncias.*

*Poema do Amigo Aprendiz
Fernando Pessoa*

Para ficarmos doentes, física e psiquicamente, são necessários vários fatores tanto de ordem genética, quanto ambiental, que interatuam entre si, com maior ou menor ênfase em um ou em outro.

A geneticista Mayana Zatz, em resposta à pergunta feita por um jornalista no programa Roda Viva da TV Cultura, de São Paulo, há uns anos, a respeito do que era determinante no aparecimento de doenças, esclareceu de maneira simples a intrincada relação entre genética e ambiente: “A genética é a arma e o ambiente o gatilho” querendo dizer que para a maioria das doenças, é necessária a pré-disposição genética (arma) mas que, à maneira de “uma andorinha não faz verão”, a genética precisa do ambiente (gatilho) para se expressar.

Para fazer de algo complexo algo simples, pode-se dizer que a genética vai muito além do que se entende leigamente, sua ação não se reduz a ter ou não ter certas sequências de DNA ou determinado grupo de genes. Na verdade, depende, em grande parte, do ambiente interno e externo para que os genes sejam “ligados” ou “desligados”.

É a epigenética que estuda esse conjunto de fatores que tem interferência nos genes, fatores esses que permitem, ou modificam, sua expressão – ou desligamento.

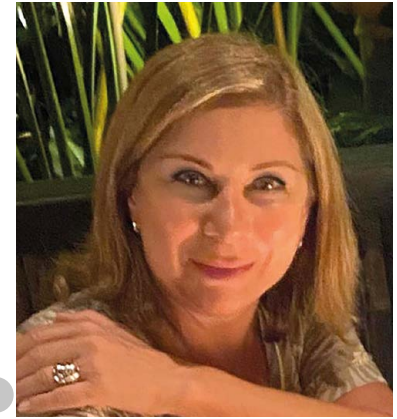
“A função transcricional de um gene, que vai redundar na sua capacidade de sintetizar proteínas, é passível de regulação e responsiva a fatores ambientais. Através da chamada regulação epigenética, hormônios,

toxinas, estresse, aprendizado, influências socioambientais, medicamentos e psicoterapia podem modificar a transcrição, e, portanto, a expressão gênica”. [1]

Ou como traduziu o pesquisador Moshe Szyf da Universidade McGill [2] de Montreal, Canadá, a genética é o *hardware* e a epigenética é o sistema operacional do sofisticado aparelho que é o nosso corpo-mente.

Dentre os fatores ambientais, um dos mais importantes é a relação estabelecida entre o bebê e a mãe, ou seu substituto, num primeiro momento. É no relacionamento da díade mãe-bebê que grande parte do cérebro e da circuitaria cerebral é construída, organizada e redistribuída em conexões e funções cada vez mais sofisticadas. São as necessidades e emoções mais primitivas, despertadas, interpretadas e atendidas pela figura materna, que forjam a matriz de todo o desenvolvimento psiconeuroimunológico. É no vínculo com a mãe que as estruturas psíquicas se desenvolvem e se diferenciam, vínculo a partir do qual novos vínculos são construídos tal como tramas e urdiduras de um tecido, e que logo se estendem ao ambiente familiar mais amplo.

Com o desenvolvimento, a essa matriz somatopsíquica inicial, vão se acrescentando mais e mais experiências positivas e negativas, de atendimento e de frustração às necessidades do bebê, que vão, por sua vez, moldando o corpo e a psique numa unidade. Quando as experiências positivas superam as negativas teremos um psiquismo e um



Eliana Riberti Nazareth

Membro efetivo, docente e coordenadora da Comissão de Divulgação e Comunicação da SBPSP; mestre em Psicologia Clínica pela PUCSP; coordenadora do Grupo de Estudos sobre as Relações Corpo-Mente da SBPSP; pós-graduada em Neurociências pela PUCRS.

soma mais resilientes e competentes para lidar com as adversidades que inexoravelmente virão – doenças, traumas, conflitos e angústias.

E diferentemente do que se acreditava há até relativamente pouco tempo, essas estruturas não são fixas e imutáveis. Em 1998, o neurocientista americano Fred Cage e sua equipe surpreenderam o mundo científico com a descoberta da neurogênese em adultos que, acrescida à outra importante descoberta feita anteriormente, a da neuroplasticidade, transformou a Medicina e a Psicologia, em especial a neurociência. Essas descobertas tiveram e têm inúmeras repercussões.

Uma delas foi demonstrar o que psicoterapeutas, sobretudo os psicanalistas, vêm testemunhando em seus consultórios há décadas e que diz respeito à possibilidade de reestruturação da personalidade em combinações mais satisfatórias e harmônicas para os que dela se beneficiam.

Sabemos por estudos recentes que a psicoterapia é capaz de modificar e melhorar o funcionamento mental, otimizando sua atividade e aprimorando funções, sendo importante fator que compõe a epigenética, o nosso sistema operacional. Ai é que entra a psicanálise como uma das formas mais elaboradas de transformação do psiquismo. Mas como a psicanálise pode colaborar na diminuição e mitigação do sofrimento, e dos sintomas e doenças físicas?

Usualmente, nosso corpo é silencioso e só se manifesta quando algo não vai bem. Assim, o estômago ronca e dói quando estamos com fome, ou com uma gastrite, ou quando algo nos “cai mal” e não conseguimos “digerir” – um alimento ou uma situação, por exemplo. A cabeça dói quando dormimos mal, quando estamos de ressaca

– alcóolica ou moral – quando estamos com alguma virose, distúrbio na visão, ou com preocupações. E assim por diante.

Mas por que o corpo “fala”? Que mensagens há por decifrar?

É comum conceber a dimensão corporal do ser como algo externo, como não fazendo parte de nós mesmos e como sendo algo separado: corpo de um lado – desconhecido – e mente do outro – conhecida. Nada mais equivocado.

Isto acontece porque a maior parte dos acontecimentos internos, físicos e psíquicos, se dão num plano não-consciente. Por isso não se sabe de sua existência.

Freud, já em 1917, em *Uma dificuldade da psicanálise*, faz um alerta a respeito da negação, presente na Psiquiatria da época e, de certa forma, ainda presente na concepção que várias abordagens têm do humano, da influência de elementos psíquicos desconhecidos no aparecimento das afecções mentais:

“... A psicanálise procura esclarecer estes inquietantes casos patológicos, empreende longas e minuciosas investigações e pode, por fim, dizer ao ego: ‘Não se introduziu em você nada estranho: uma parte de sua própria vida anímica foi subtraída de seu conhecimento e à soberania de sua vontade. Por isso é tão fraca sua defesa; combate com uma parte de sua força a outra parte, e não pode reunir, como faria contra um inimigo externo, toda sua energia’”, p. 2435. [3]

Tais elementos psíquicos desconhecidos, não-conscientes, hoje sabemos, estão também atuantes em outras doenças que não as mentais, isto é, nas físicas.

Porém, tais elementos psíquicos, presentes em todas as doenças, é algo

extremamente difícil de se aceitar numa concepção dualista pela qual corpo e mente são entidades separadas e não fazem parte de um *continuum*. Como é difícil para nós, profissionais e pacientes, identificados que estamos com nossa consciência, aceitar que “Há mais coisas no céu e na terra, do que sonha nossa filosofia”! [4]

É menos complicado conceber que mente e corpo são entes separados e que, só em casos específicos, têm uma estreita ligação.

Uma vez recebi em meu consultório uma jovem mulher, indicada por seu médico, com fortes dores nos braços. A paciente veio se queixando das dores e do médico. Disse que ele havia lhe falado que suas dores eram psicológicas, pois não havia encontrado nada “físico” que justificasse o incapacitante desconforto. Aborrecida com o fato, ela se lamentava: “Mas doutora, dói muito! Eu não estou inventando nada!”.

Como conheço o profissional, supus, com razoável segurança, que não foi isso o que ele quis dizer, mas sim, conforme esclarecido depois pela própria jovem, que ela, além do tratamento médico proposto, se beneficiaria de uma análise, tendo em vista que poderia haver forte influência de aspectos psíquicos em seus sintomas.

No entanto, a paciente estava quase que indignada frente à possibilidade de haver algo em sua mente que se expressava ativamente nas dores e pelas dores. E, parece que até certo ponto, o próprio médico que havia feito o encaminhamento, ainda que num grau diverso, também estava fazendo uma dissociação entre os aspectos físicos e os psíquicos presentes naquelas manifestações dolorosas.

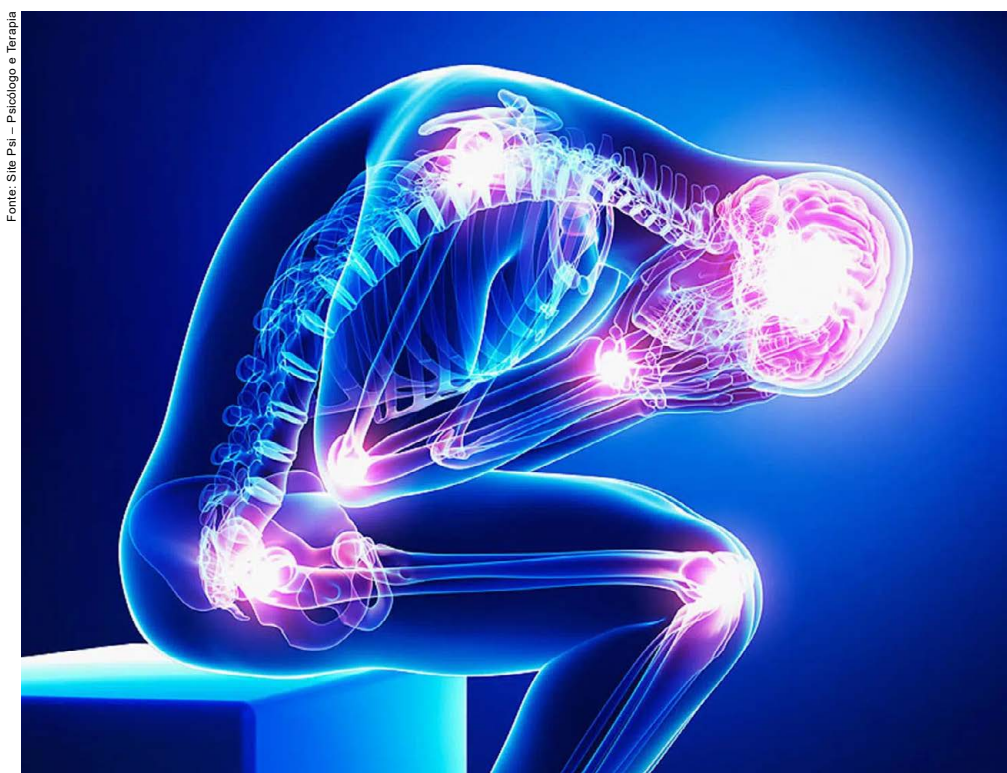
Marty, em 1952 [5], apontou que além da dificuldade de linguagem na abordagem dos fenômenos psicossomáticos, há uma dificuldade ainda maior, e que reside no nosso narcisismo. E como Freud nos mostrou, a terceira ferida narcísica [6] para o ser humano, é constatar que não sabe tudo de si, isto é, que a Consciência não é o centro, e que há um universo desconhecido que habita em nós.

Vale dizer que nos provoca tremenda perplexidade sentirmos algo no nosso corpo e na nossa mente que não sabemos de onde vem, mas que vem de nós mesmos. Por isso a dificuldade de conceber que corpo e mente fazem parte de uma única unidade, e que as diversas diferenciações de estudo e abordagem são apenas recortes para possibilitar uma maior compreensão desse cosmos incógnito e surpreendente.

A psicanálise dá voz ao que não é dito porque não pode ser pensado. E não pode ser pensado porque não é algo consciente. São conteúdos que habitam nas profundezas do nosso Inconsciente que, ou são reprimidos e recalçados, “expulsos” do horizonte consciente, ou não ganharam figurabilidade e representatividade suficientes para alcançar a Consciência. Conteúdos pré-simbólicos e pré-verbais.

São esses conteúdos que se expressam nos e pelos sintomas e doenças e que demandam decodificação e elaboração, a fim de que possamos diminuir a alostase (desequilíbrio) e aumentar a homeostase (equilíbrio) corpo-mente.

Por meio do trabalho psicanalítico conflitos reprimidos e/ou não representados podem ser elaborados e adquirir uma compreensão que, de outra forma, talvez nunca alcem um novo patamar que possa ser uma oportunidade de crescimento e desenvolvimento.



Fonte: Site Psi – Psicólogo e Terapia

[1] Muraro, M. A. G., *Genética, Epigenética e Comportamento*. Psychiatry Online – Brasil, setembro de 2021 - Vol. 26 - Nº 09. (acesse [aqui](#))

[2] Curso de Neurociências e Comportamento, PUCRS, 2019.

[3] Freud, S., *Uma dificuldade da psicanálise*, p. 2435. Obras completas, tradução de Luis Lopez-Ballesteros y de Torres, 3ª. Ed., Biblioteca Nueva, Madri. 1973.

[4] Alusão à famosa frase de Shakespeare: “There are more things in heaven and earth, Horatio, than are dreamt of in our philosophy”. – *Hamlet* (1.5.167-8), Hamlet to Horatio.

[5] Marty, P., *As dificuldades narcísicas do observador diante do problema psicossomático*. Livro Anual de Psicanálise, 2012, XXXVI, 79-93.

[6] A primeira ferida narcísica seria a descoberta feita por Copérnico que a Terra não é o centro do universo e sim o Sol; a segunda ferida narcísica foi a Teoria da Evolução de Darwin, demonstrando que o homem é fruto da seleção natural e, portanto, pertencente a uma cadeia de evolução dos seres vivos. A esse propósito ver Freud, *op. cit.*

* Texto publicado também no Blog da SBPSP

Onde estão os negros na psicanálise?*

Carla Cristina Pierre Bellodi, *membro associado da SBPRP*

Cybelli Morello Labate, *membro filiado ao Instituto da SBPRP*

Josiane Barbosa Oliveira, *membro associado da SBPRP*

Josimara Magro Fernandez de Souza, *membro efetivo da SBPRP*

Luciana Mian, *membro associado da SBPRP*

Mauro Balieiro, *membro filiado ao Instituto da SBPRP*

O ano de 2020 pode ser lembrado como o ano que não terminou: uma pandemia sem precedentes assolou o planeta e marcou para sempre as nossas vidas. Mas um outro fenômeno também faria desse um ano inesquecível: o brutal assassinato de George Floyd nos EUA levou multidões às ruas com o movimento “Black Lives Matter”. Aqui em nosso país, parecíamos também acordar de um sono profundo embalado até então pela negação do racismo e pela ilusão da democracia racial.

A indagação e subsequente resposta de Ignácio Paim Filho em evento ocorrido em 2020: “Seria a psicanálise uma prática de brancos para brancos? O racismo segue fazendo história em nossas casas psicanalíticas? Acreditamos que sim, seja por omissão, convivência ou indiferença, perpetuamos as ideologias dos colonizadores”. A questão convocou as instituições psicanalíticas brasileiras a quebrarem o silêncio sobre o racismo.

Cida Bento (2022) e Silvio de Almeida (2021) colocam que o racismo transcende o âmbito de ações individuais e há a dimensão de poder de um grupo social sobre o outro, sendo que o racismo é uma decorrência da própria estrutura social. Desta forma, racismo é a regra e não a exceção e se expressa como desigualdade política, econômica e jurídica. As instituições seriam, portanto, a materialização dessa estrutura, tendo o racismo como um de seus componentes fundamentais (Almeida, 2021, p.47). Em outras palavras, “sem nada fazer, toda instituição irá se tornar uma correia de transmissão de privilégios e violências racistas” (Almeida, 2021, p.48). Ainda citando Almeida (2021, p.47): “As instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como

Publicação Revista Galileu Digital, Grupo Globo



Virginia Leone Bicudo, professora, socióloga e psicanalista que se dedicou ao desenvolvimento da psicanálise no país. Integrar grupos que criaram a SBPSP e a SPBSb e foi pioneira nas várias áreas em que atuou. Filha de um descendente de escravos, nascido de ventre livre, e de uma imigrante italiana.

um de seus componentes orgânicos”. Dito de modo mais direto: **as instituições são racistas porque a sociedade é racista.**

Na SBPRP, em 2020, após adiamento da V Bienal de Psicanálise e Cultura por conta do coronavírus, voltávamos ao seu planejamento no novo formato virtual e o tema do racismo estava na programação. Tivemos então duas mesas com o tema e, no momento da discussão de uma delas, Wania Cidade colocou-nos a incômoda pergunta: “O que vocês da SBPRP estão fazendo para enfrentar o racismo?” Após essa necessária provocação, formamos o Núcleo de Reflexões sobre Psicanálise e o Mal-estar na Cultura e, a partir desse núcleo, em 2021, surgiu a comissão para elaborar o Programa Sankofa para Equidade Racial na SBPRP.

Após processo de letramento do próprio grupo com uma consultora em relações raciais (profissional de fora da Instituição), o Programa Sankofa propôs uma ação afirmativa, aprovada em assembleia geral da instituição realizada em agosto de 2022. Considera-se como ação afirmativa uma política que tem por objetivo promover a igualdade de acesso seja a meios fundamentais de educação ou emprego, para grupos historicamente prejudicados por sua raça, gênero, orientação sexual e outras categorias que, de outro modo, estariam excluídas, total ou parcialmente.

O Programa Sankofa propõe uma ação afirmativa para a equidade racial na SBPRP com as seguintes frentes de trabalho:

- Projeto de letramento racial na Sociedade de Psicanálise aberto a todos os membros da SBPRP, que inclui a realização de grupo de estudos (destinado aos membros) sobre racismo e relações raciais; proposição de eventos sobre o tema, abertos também para o público externo; inclusão de autores negros e de textos sobre racismo e relações raciais no currículo de formação do Instituto de Psicanálise da SBPRP. O letramento também deve se estender para os funcionários.
- Instituição de bolsas raciais nos eventos realizados pela SBPRP e incremento da divulgação desses eventos entre Coletivos Negros nas universidades e em cursos de especialização.
- Projeto para instituição de bolsas raciais para a formação psicanalítica no Instituto de Psicanálise da SBPRP.
- Desde a aprovação do programa, em agosto de 2022, temos trabalhado pela sua implantação nos vários níveis da Instituição: letramento dos membros (reunião aberta, rodas de conversa), instituição de bolsas nos eventos científicos da Sociedade, realização de eventos sobre racismo e psicanálise para a comunidade. Em janeiro de

2023, foi aberto o processo seletivo (ainda em curso) para a formação psicanalítica em nosso Instituto de Psicanálise, o primeiro que oferece bolsas para negros e indígenas. Temos observado que a implantação de nosso Programa tem deflagrado movimentações e transformações importantes nas relações institucionais e esperamos que esse seja o início de mudanças importantes em nosso meio psicanalítico.

Referências

- Almeida, S. Racismo estrutural. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.
- Bento, M.A.S. O pacto da branquitude. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2022.

* Programa Sankofa para Equidade Racial na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)

Por uma psicanálise implicada com a vida – presente e futura

Em junho de 2022, o jornalista britânico Dom Philips e o indigenista brasileiro Bruno Pereira foram brutalmente assassinados no Vale do Javari, região na fronteira com o Peru e a Colômbia que abriga vários povos indígenas isolados e que, diante da ausência do estado brasileiro, era uma terra conflagrada e dominada por madeireiros, garimpeiros, caçadores e pescadores ilegais. No mesmo mês, uma ação da polícia numa comunidade do Rio de Janeiro resultou na morte de 22 moradores, a maior parte deles sem antecedentes criminais. Todos negros.

Além da violência, o que os dois fatos têm em comum? Dentre outras coisas, ambos são parte da herança colonial do Brasil, país invadido por pessoas que viam os nativos como estorvo ou mão de obra escrava, e que não hesitou em trazer nativos de outras regiões colonizadas – da África – para escravizar. Nativos e escravos, assim como a natureza do país, se converteram em recursos – humanos, físicos, naturais a serem explorados e esgotados.

Achille Mbembe aponta o avanço gradual das sociedades biopolíticas de controle global na direção do que ele chama de necropolítica, onde mais importante que a gestão da vida é a capacidade de administrar a morte, por meio de sua antecipação ou adiamento, de tornar-se indiferente a ela. Mbembe descreve como a necropolítica no capitalismo tardio estendeu o devir negro do mundo, tornando generalizada a experiência supremacista branca da aventura colonial; os trabalhadores tornam-se menos integrados, mais precários, menos indispensáveis, mais “matáveis”. Se a experiência colonial permitiu que populações inteiras de homens e mulheres negros fossem colocadas à disposição deste regime e, eventualmente, alojadas em estados nacionais que funcionam como bantustões, hoje a maioria das outras populações pode igualmente ser colocada neste regime. Os mecanismos que permitem a subjugação colonial – os instrumentos da morte – podem ser adaptados a qualquer circunstância para “criar mundos de morte” por um capitalismo cada vez mais voraz e destrutivo.

Destruição – essa é a palavra dos tempos, e é o planeta em que vivemos a maior vítima desse processo. Lá, na Amazônia de Don e Bruno, dos ianomamis famélicos e dos assassinatos diários, o desmatamento vai parindo as novas crises sanitárias como a do SARS-CoV2, que podem vir a ser provocadas por alguns dos 3,2 mil coronavírus presentes em morcegos brasileiros, graças ao desmatamento e avanço de zonas urbanas sobre florestas. Mais: como diferentes espécies

possuem funções ecológicas distintas, destruímos ecossistemas também pela eliminação de espécies com funções específicas (como polinizadores), contribuindo para a alteração de regimes climáticos locais e globais. A peste avança na forma de escavadeira, trator, agrotóxico, queimada, pasto, gado... Destruímos também a diversidade de culturas e modos de vida que possuem outras relações com a natureza, que poderiam nos ensinar a sobreviver ao coronavírus e evitar novas pestes. O capitalismo nos convoca a querer, fazer e comprar todos as mesmas coisas, em quantidades sempre crescentes. A economia de escala não gosta da diversidade.

Freud nos fala das interdições e tabus que são internalizados como princípios éticos e morais, valores e aspirações construídos a partir das primeiras renúncias pulsionais. Embora tenha sempre destacado o papel do objeto na satisfação das pulsões e dos desejos do sujeito, a partir da teoria das relações de objeto voltou-se para o



Fonte: Causas e consequências das mudanças climáticas
Link: <https://aprovatotal.com.br/causas-e-consequencias-das-mudancas-climaticas/>

papel estruturante do objeto e da relação, o que foi colocado em destaque especial por Winnicott. Na preocupação materna primária, a mãe “adoece” saudavelmente para colocar-se no lugar do bebê a fim de atender suas necessidades de integração, do sentimento de continuidade de ser e apresentar para ele o objeto de seu desejo no lugar e no momento em que ele o cria. Ela preocupa-se com ele para que, num segundo momento, ele, o bebê, venha a se preocupar com ela. Primeiro ele a “destrói”, e porque ela sobrevive, ele pode vir a se preocupar com ela. Winnicott, assim como Freud, Klein e outros, evidencia que o desejo de destruir, aniquilar, matar, fazer sofrer, faz parte do humano, mas para que a vida prevaleça, este desejo precisará estar sublimado e submetido a Eros.

A pulsão de morte existe em todos nós, ela em si não é o Mal e é mesmo necessária à vida. Mas, para que prevaleçam os vínculos, a vida em sociedade, ela precisará estar intrincada, fundida com a pulsão de vida, submetida a ela. Nossa relação com o planeta que nos nutre e



Malu Gastal

Membro associada da SPBSb e do Comitê do Clima da IPA, doutora em Ecologia pela UnB

protege, por outro lado, parece cada vez mais distante de atingir a posição depressiva. Nossos ataques vorazes não cessam.

O que pode a psicanálise diante da ameaça concreta de aniquilamento e morte que nós mesmos nos impomos? Como nos curar do desejo insaciável e destrutivo do capital, que exige cada vez mais, e mais rapidamente, esgotando as possibilidades de manutenção da vida de tantas espécies, inclusive a nossa? A psicanálise sugere implicitamente uma ética necessária para que se constituam sujeitos humanos criativos, vivos e geradores de vida: há que se vincular, há que se preocupar com o outro e empatizar com suas necessidades, há que transformar o bruto, o

corporal, em pensamento, há que conter e transformar o ódio e o vincular a Eros.

Como resposta (ainda modesta, é verdade) à crise, e à necessidade de uma contribuição da psicanálise para seu enfrentamento, que a IPA criou, no final do ano de 2019, o Comitê de Clima e Psicanálise, no âmbito das ações da IPA na comunidade. Foi uma resposta quase profética, uma vez que poucos meses depois eclodiu a crise da COVID-19, ela mesma uma crise ambiental, filha das alterações ambientais violentas que nossa

espécie vem produzindo no planeta. Somos oito psicanalistas¹ de sete países e cinco continentes, que têm buscado pensar saídas e articular diálogos com colegas de seus países e continentes. Não temos respostas, muito ao contrário – buscamos formular melhores perguntas, traduzir inquietações, afinar a escuta do que nos chega aos consultórios e instituições como forma de angústia, negação, mania. Não temos a ilusão de que a psicanálise encontrará respostas para uma crise que é muito maior do que ela – é uma crise do capitalismo. Mas pensamos e queremos provocar e convocar nossos colegas para essa tarefa de sobrevivência. Literal.

¹ Sally Weintrobe (British Psychoanalytical Society), coordenadora; Delaram Habibi-Kohlen (German Psychoanalytical Association); Karyn Todes (Australian Psychoanalytical Society);

Mary-Anne Smith (South African Psychoanalytical Association), Davide Rosso (Società Italiana di Psicoanalisi - Milano), Lynne Zeavin (American Psychoanalytic Association), Maria Luiza Gastal (SPBSb) e Valerie Curen (IPSO)

O Ego e o Id: Limites da Representação?*

1) O Ego e o Id atendem a uma conjectura imaginativa sobre nossa mente proposta por Freud nos inícios dos anos 20. Questões sobre a mente primitiva, embora também abordada por Freud, tiveram diferentes expansões com Ferenczi, Klein, Bion, Green – apenas para citar alguns – porém com novas e diferentes conjecturas imaginativas. A meu ver, há dificuldade em juntar essas diferentes conjecturas por, talvez, forçar um conflito sem saída e uma intelectualização. Vou partilhar com vocês alguns aspectos que me ocorreram a partir do tema proposto em diferentes partes. A fascinação pelo arcaico e pelas profundezas insondáveis da mente se assemelha às que nos produzem os mitos. (Green). Para mim, o irrepresentável não permitirá acesso. O não representável, talvez. Considero que não há necessidade de pensarmos estados primitivos antes do Id e do Ego.

2) De um olhar para os sintomas histéricos e para a busca de um método que pudesse acessar a mente das pacientes reduzindo seus sintomas (1880 com Breuer e depois com Freud) para um mergulho em áreas insondáveis e a procura de método de acesso a tais áreas. Estaríamos procurando os mistérios de Elêusis? Lógico que a mente deve ficar marcada pelo período arcaico de vida. Freud afirmou por várias vezes que nada desaparece das primeiras experiências da vida psíquica e que o Inconsciente conserva seus traços e reatualiza quando tem oportunidade. Porém, para ele, a meu ver, o recalque primário oculta para sempre os tempos originários e o que nos chega não testemunha a pré-história, pois carrega junto as camadas do período da vida que o recobriram, mostrando outras civilizações e culturas bem elaboradas.

O arcaico está sempre aí, sem que tenhamos clareza da sua natureza. Green diz, e concordo com ele, que a prática psicanalítica não mostra a base arcaica a olho nu e a teoria que derivamos da prática, não comprova sua validade

3) Georg Groddeck tomou o termo das ES (traduzido por Id) de Nietzsche. O sistema de Groddeck tinha uma base metafísica referida ao insolúvel problema da alma e do corpo (Mannoni). Groddeck escreveu “Sou da opinião que o homem é dominado pelo desconhecido. Há um Isso nele, algo maravilhoso que regula tudo o que faz e lhe acontece. A frase “eu vivo” está apenas condicionalmente correta, ela expressa um pequeno fenômeno parcial da verdade fundamental: o homem é vivido pelo Isso (1917). Em 1921, em carta a Groddeck, Freud diz: “O ego, em suas profundezas, também é profundamente inconsciente e ainda flui junto com o núcleo do recalcado”.

4) O Mistério de Elêusis – Perséfone (filha de Deméter) é raptada por Plutão (Hades) quando colhia flores na planície de Nisa. Por nove dias Demeter a procurou. Hélio a cientificou da verdade: Zeus decidira casá-la com seu irmão. Ficou furiosa e não mais voltou ao Olimpo. O restante da história de Demeter, até a construção de seu templo, é conhecido (sugiro a leitura a respeito em Mircea Eliade, História das Crenças e das Ideias Religiosas).

Píndaro e Sófocles referem-se aos Mistérios como “feliz aquele que assistiu a esse espetáculo antes de baixar à sepultura. Ele conhece o fim da vida e o começo”. Os segredos de Elêusis continuam a desafiar a imaginação dos pesquisadores. O grande segredo foi sepultado no silêncio e nas trevas de cada iniciado. O segredo das origens do psiquismo talvez siga esse caminho.

5) O Ego e o Id, 1922. Devido a sua crescente rouquidão, Freud não queria fazer uma conferência no Congresso de Berlim. Apenas Rank, do comitê, sabia de seu mal-estar. Quando o comitê se reuniu em Seefeld, Freud foi a Berchtesgaden onde estava trabalhando no artigo sobre o Ego e o Id, inspirado na obra de Groddeck. Freud não gostou do livro e seus companheiros (Ferenczi, principalmente) criticavam o fato de o título não ressaltar a importância do Superego.

As fronteiras, na segunda tópica, não estão tão definidas. Freud nos diz: “O ego não está nitidamente separado do Id, eles se misturam em sua parte inferior. O recalcado, porém, também se mistura com o Id, do qual é só uma parte. O recalcado apenas se separa com nitidez do ego pelas resistências do recalque e pode se comunicar com ele através do Id”, O Grande reservatório da libido se move do Ego (em *Além do Princípio do Prazer* e já no *Narcisismo*) para o Id. No *Esboço*, Freud afirma que a libido está presente no ego-id indiferenciado e diz que “o miolo de nosso ser é formado pelo escuro do Id”. Também a demarcação nas fronteiras do Id com o superego não é nítida, pois grande parte do super ego está submersa no Id. No *Ego e o Id*, o ideal de ego e o superego são sinônimos, sendo o ideal de ego uma subestrutura particular existente dentro do SE e nas *Conferências* Freud diferencia sentimento de culpa próprios do SE e de inferioridade próprios do ideal de ego.

Há um acordo entre o par analítico, posto que tem um objetivo: o inconsciente do analisando sonhado pelo aparelho psíquico do analista. No modelo de Bion, o problema essencial consiste em transformar uma impressão dos sentidos em experiência emocional. Bion parece relativizar o lugar da representação, se comparado com Freud, fazendo uma equivalência entre “eu sinto que” e “eu penso que”, com o afeto elevado a um princípio de conhecimento, enquanto para Freud o pensamento é fundamentalmente da ordem da representação.

No final de *Construções*, Freud pensa que certos eventos estariam situados antes da instauração da linguagem, assim os sujeitos só teriam a seu dispor lembranças de lugares, sem poder – por falta de inscrição mnésica devido a fixação pré-verbal – associar a eles rememoração de acontecimentos. Em certos casos é preciso renunciar à suspensão da amnésia infantil sem que por essa razão a análise fracasse, pois o poder de convicção da interpretação pode ser adquirido por representações de coisas erráticas, desprovidas da conotação de linguagem que lhe dera coerência e forma. Não esqueçamos que, se a linguagem nos recusa sua ajuda na rememoração, é ainda através dela que o pré-verbal é apreendido.



Géo Marques Filho

Médico psiquiatra, membro efetivo da SBPSP, membro efetivo com função didática do GPC

6) Um exercício: Não penso que possa haver, no referencial teórico de Freud, emoções sem representação possíveis de auxiliar na análise. Ao falar de representação psíquica, não estamos nos referindo unicamente às palavras. A mente primitiva, os afetos não ocorrem antes do Ego e do Id – talvez nem do superego. Podem sim, como ele aponta nas vivências pré-verbais, não haver representação de linguagem.

Na segunda tópica, com as pulsões incluídas no Id, as forças emocionais e os processos mentais nunca poderão ser totalmente expressos ou apreendidos em palavras. Como a mente nunca se livrará de elementos beta (Bion) que não são representáveis. O fracasso da palavra como um representante confiável mostra que a pulsão é muitas vezes incontrolável e que encontra mais de um caminho em busca da descarga: não só o da representação, mas também o do ato e de uma tentativa de fazer a ligação (como no modelo da compulsão à repetição). Em ação da pulsão de morte a própria capacidade de representar fica aniquilada e a figurabilidade diminuída em suas possibilidades. O que não foi inscrito, não pode ser relembrado pois nunca foi representado. Só o que, por ação da pulsão de vida, foi ligado. O irrepresentável é o não ligado. O não representável, ligado ao traumático, dependerá da intensidade do trauma (buracos psíquicos). Poderíamos pensar, numa tentativa de articular algumas ideias que surgiram pós Freud, num continente que pode abrigar o conteúdo em busca de representações? Se predominando pulsões de vida, ou de ligação, ou de predomínio de função alfa tal continente será criativo e teremos representações possíveis ao analisando e/ou ao analista, pela rememoração, intuição etc. Se predominar pulsão de morte, de desligamento, talvez o que Bion chamou de um continente maligno, as emoções não pensadas e não representadas – os elementos Beta – não alcançariam a condição de representação e ficariam no desconhecido. As experiências emocionais e os afetos surgem com o ego e o Id em seus embriões. Diferentes conjecturas imaginativas na tentativa de encontrarmos nosso mito de origem. De qualquer modo, teremos que abrir mão de sermos os introduzidos nos mistérios de Elêusis, tolerando nossos limites do que podemos conhecer.

* Resumo da apresentação feita no encontro de Curitiba como preparatório para o Congresso da Febrapsi.



Conselho Profissional da Febrapsi

O Conselho Profissional da Febrapsi cuida das questões que dizem respeito ao exercício do ofício do psicanalista, da relação com o Movimento Articulação e, também, da discussão sobre a regulação, regulamentação e/ou profissionalização do exercício da Psicanálise. O Conselho é composto por membros indicados das 18 Federadas componentes da Febrapsi.

Desde junho de 2022, fazemos reuniões sistêmicas. Implementamos o projeto “Psicanálise: a formação de um psicanalista”, em parceria com a Diretoria de Publicação e Divulgação, com a Analista de Comunicação, com a Secretária Geral e com o Presidente, contando com o apoio dos demais integrantes da diretoria da Febrapsi. Este projeto teve como objetivo dar continuidade à campanha #Psicanálise é, por meio de uma série de vídeos explicativos, elaborados por membros dos Institutos e Sociedades, sobre a formação preconizada pela Associação Psicanalítica Internacional (em inglês, IPA). Esses vídeos podem ser vistos no link (<https://www.youtube.com/playlist?list=PLJ8lbw2pFZvqEohhalJPMjc-Clb35qr549>) Além dos vídeos, tivemos, também, uma *live* falando sobre nossas formações e a abertura do projeto.

Temos tido participação ativa nas reuniões com o grupo do Movimento Articulação, além de termos representação e atuação dentro da Comissão Brasília (que recentemente voltou a acionar o Ministério da Educação). Redigimos ofícios e notas técnicas, elaboradas e firmadas, juntamente com as 27 Instituições que compõem o Movimento, mais o apoio de inúmeras instituições, nacionais e internacionais, privadas ou públicas, com posição contrária a apropriação

da Psicanálise, que têm como objetivo o ensino universitário, em nível de graduação, para formar pessoas intituladas psicanalistas para atuar na clínica. Entretanto, esclarecemos e ressaltamos a importância da pesquisa psicanalítica realizada nas universidades, no âmbito da pós-graduação.

No Brasil, em função do aumento de cursos de formação, sejam eles vinculados às instituições religiosas ou outras, e com o único objetivo de ganhar dinheiro, construiu-se um cenário que nos convoca a (re)pensar os destinos da Psicanálise. Temos uma guerra declarada, que segundo Kupermann¹, saber quem é ou não psicanalista tornou-se não uma questão indicativa de abuso de autoridade, tampouco de reserva de mercado, mas um problema ético referente à constituição de uma comunidade psicanalítica.

Nesse sentido, prezamos pelo cuidado com o rigor da formação atravessado pelo respeito à saúde mental de quem nos disponibilizamos a fazer uma escuta mais aberta, horizontal, numa perspectiva transcultural, ou com a busca pelos direitos e acolhimento das diferenças. De tempos em tempos, os analistas retomam suas análises para trabalhar pontos cegos, angústias, faltas, falhas, sofrimentos, preconceitos, limitações, os privilégios que podem os/as atravessar (raça, classe e gênero) e que a formação possui início, meio, mas não um fim.

A Psicanálise, desde seus primórdios, apresenta-se como um movimento libertário, que possui como objeto o inconsciente dinâmico, e que a partir da experiência clínica (re)pensa sua teoria e técnica. Mas de que clínica falamos? Será que o “conforto” que vivenciamos em nossos consultórios é suficiente para pensar a clínica

na contemporaneidade? O contemporâneo ao qual nos referimos traz uma cultura que tem tido certa convivência com uma destrutividade radical, em que o irrepresentável entra em cena. Ser maleável em nossa prática e nossa transmissão do conhecimento psicanalítico possibilitam a criação de um campo harmonioso para uma relação entre o eu e o outro, e isso não significa a perda dos referenciais ou de uma tradição nem da explicitação de conflitos, e sim do exercício do ofício psicanalítico estendido ao exercício da ética do cuidado.

A Psicanálise é antagônica às lógicas totalitárias e negacionistas. Sua aposta vai na construção de laços que requerem adentrarmos nas várias possibilidades do território “entre dois”, em que as partes tenham voz e sejam ouvidas, com espaços para as diferenças, para a elaboração do mal-estar interminável e para a criação de acordos possíveis.

As vivências institucionais, eixo importante dentro do processo de formação, podem ampliar nossas trocas devido às possibilidades de construções mais fraternas, inclusivas e democráticas, com maior envolvimento de todos os seus membros, sejam eles dos Institutos ou das Sociedades, nos processos políticos e administrativos, sendo estes mais transparentes possíveis. Nesse sentido, nos demanda maior empatia, “hospitalidade incondicional” e asilo para o estrangeiro de todos nós e, quem sabe, assim, possa se evocar o sentido da singularidade, criatividade, pertencimento presentes em cada um e fundamentais na constituição da subjetividade e porque não, também, na afinação da escuta de um ofício (im)possível?

1 Kupermann, D. Sobre a formação do psicanalista: passado, presente, futuro. Revista Cult, 2021.

CONSELHOS, FEDERADAS E PRESIDENTES

CONSELHO DIRETOR

Presidente: Hemerson Ari Mendes
Secretária Geral: Denise Zimpek Pereira
Tesoureiro: Ana Cláudia Zuanella
Diretor do Conselho de Coordenação Científica: Zelig Libermann
Diretor do Conselho Profissional: Renata Arouca de O. Moraes
Diretor de Publicações e Divulgação: Luiz Celso Castro de Toledo
Diretora de Comunidade e Cultura: Eloá Bittencourt Nóbrega
Diretora Superintendente: Daniela Bormann Vieira
Secretária do Cons. de Coord. Científica: Ana Clara Duarte Gavião

ADMINISTRAÇÃO

Gerente Administrativo Financeiro: Lúcia Boggiss
Analista de Comunicação: Tais Maia

REVISTA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE

Editor: Claudio Castelo Filho
Editora Associada: Elsa Vera Kunze Post Susemihl

CONSELHO CIENTÍFICO

Diretor: Zelig Libermann
Secretária do Cons. de Coord. Científica: Ana Clara Duarte Gavião
SBPSP: Ana Maria Stucchi Vannucchi
SPRJ: Christine Nunes e Olivia Berbieri Porcaro
SBPRJ: Letícia Tavares Neves
SPPA: Cátia Olivier Mello
SPRPE: Sandra Paraíso Sampaio
SPBSb: Ana Velia Vélez de Sánchez Osella
SBPdePA: Cibeles Hentschel Formel Couto
SPPel: Beatriz Hax Sander
SBPRP: Luciana Marchetti Torrano
APERJ-Rio4: Rosa Maria Raposo de Almeida Albé
SPMS: Gleda Brandão Coelho Martins Araújo
SBPMG: Sandra Bulhões Cecilio
SPFOR: Rosane Muller Costa

SBPCampinas: Adriana Maria Nagalli de Oliveira
SBPG: Andréia Lobo Costa Campos de Melo
GPC: Sérgio Seishim Kaio
GEP Rio Preto e Região: Eda Márcia Palacin Pagliuso
GEP-SC: Ana Maria Maykot Prates Michels

DELEGADOS

Carmen C. Mion, Marta Foster, José Alberto Zusman, Rosa Maria Carvalho Reis, Ruth Naidin, Marina Magalhães Leitão Miranda, Maria Cristina Garcia Vasconcellos, Cláudia Giacomet De Carli, Carolina Cavalcanti Henriques, Sandra Paraíso Sampaio, Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório, Roberto Calil Jabur, Astrid Elisabeth Muller Ribeiro, César Augusto Antunes, Christine Marques Castro Vinhas, Graciela H. Maldonado Loch, Mônica Bitar Santamarina Araújo, Marystella Carvalho Esborgeo, Luciana Ferraz Bocayuva, Paulo Marcio Bacha, Mirian Cátia Bonini Codorniz, Gisèle de Mattos Brito, Patrícia Gomes Figueira, Karina Rodrigues Bernardes, Regina Célia Cardoso Esteves, Nelson José Nazaré Rocha, Ana Maria Queiroz Guimarães Protti, Maristela Nunes Pinheiro, Kátia Barbosa de Macêdo, Geo Marques Filho, Fábila Badotti Garcia Herrera, Osvaldo Luis Barison, Sueli Barison, Gládis Elaine Carneletto Garcia, Patrícia Lima de Oliveira

PRESIDENTES DAS FEDERADAS

Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) - Carmen C. Mion
Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ) - José Alberto Zusman
Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro (SBPRJ) - Ruth Naidin
Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) - Maria Cristina G. Vasconcellos
Sociedade Psicanalítica de Recife (SPRPE) - Carolina Cavalcanti Henriques
Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBSb) - Mirian Elisabeth Bender Ritter de Gregório
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA) - Astrid Elisabeth Muller Ribeiro
Sociedade Psicanalítica de Pelotas (SPPel) - Christine Marques Castro Vinhas

Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto (SBPRP)

- Mônica Bitar Santamarina Araújo
Ass. Psicanalítica do E. do Rio de Janeiro (APERJ-Rio4) - Luciana Ferraz Bocayuva
Sociedade Psicanalítica do Mato Grosso do Sul (SPMS) - Paulo Marcio Bacha
Soc. Brasileira de Psicanálise de Minas Gerais (SBPMG) - Gisèle de Mattos Brito
Soc. Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR) - Karina Rodrigues Bernardes
Soc. Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCampinas) - Nelson José Nazaré Rocha
Sociedade Brasileira de Psicanálise de Goiânia (SBPG) - Maristela Nunes Pinheiro
Grupo Psicanalítico de Curitiba (GPC) - Geo Marques Filho
Grupo de Estudos de Psicanálise de S. J. do Rio Preto e Região (GEP Rio Preto e Região) - Osvaldo Luis Barison
Grupo de Estudos Psicanalíticos de Santa Catarina (GEP-SC) - Gládis Elaine Carneletto Garcia

NÚCLEOS PSICANALÍTICOS

Núcleo Psicanalítico de Maceió
Núcleo Psicanalítico do Espírito Santo
Núcleo Psicanalítico de Salvador
Núcleo de Psicanálise de Marília e Região
Núcleo de Psicanálise de Uberlândia

PUBLICAÇÕES

Revista Brasileira de Psicanálise - <http://rbp.org.br/>
Jornal Febrapsi Notícias - <https://febrapsi.org/febrapsi-noticias/>
Observatório Psicanalítico
<https://febrapsi.org/publicacoes/jornal-do-observatorio-psicanalitico/>
Mirante - O Podcast da Febrapsi
https://febrapsi.org/project_category/mirante/
Podcast Associação Livre - Febrapsi
<https://open.spotify.com/show/5y5g9scGWNIB2eZMFmbp2a>
Boletim das Federadas
<https://febrapsi.org/boletim-das-federadas/>
Vídeos de encontros e palestras sobre psicanálise
https://www.youtube.com/channel/UCmUs0eVqnlUYPjUYxCP_Aw